

eram 3h da madrugada nem havia comboio algum à minha frente, mas uma compreensão melhor acontecia em mim na percepção de que é à noite mesmo que todos os gatos são pardos...

Em casa, encontrei minha mãe ainda acordada na sala de televisão. Ali estivera na leitura de um livro. Devido ao silêncio da sala com o aparelho desligado, durante toda a minha conversa com os dois militares ela escutara sem propósito. Disse-me que ficara pasmada, a ponto de cobrar-me atenção dobrada pelo perigo a que eu estava me expondo em levar tão profundamente a minha pesquisa. Pessoalmente ela não se envolvera em instante algum com o meu trabalho mas, acompanhara-o de perto como era natural que isso ocorresse. No entanto, a partir daqueles depoimentos ela própria passou a acreditar que, havendo o envolvimento do Exército, os rumos do *incidente em Varginha* poderiam ganhar outra dimensão, estando temerosa por saber de meu envolvimento.

Comentamos este fato, mas procurei tranqüilizá-la na medida do possível. Sairia de casa somente quando necessário e em momentos específicos, obviamente me resguardando ao máximo. Meus contatos, fazia-os normalmente à noite, e mais nenhum nome mencionava por telefone.

Na manhã seguinte, antes de ir a Varginha, telefonei para o escritório do Ubirajara, solicitando a Celmeire que não o deixasse sair, porque estava levando uma informação que faria tremer as muralhas da China.

E o encontrei ansioso.

— Vamos nos sentar, que precisamos conversar com calma — disse-lhe.

— Mas antes vou pegar uma caneta e explicitar como está a situação. E à medida que narrava o que ouvira por parte dos militares, fui enumerando os nomes dos outros também militares envolvidos.

Ubirajara estava boquiaberto.

— Deus do Céu! — exclamou. — Olha a coisa finalmente se configurando!

E a gente estava em desconfiança! E agora? Como descrever de tudo isso? — Se pôs pensativo mas contente. — E você, gravou tudo?

— Dessa vez, não.

— E haverá possibilidade de gravar?

— Certamente que sim. Pode levar tempo, porque os dois militares estão um tanto arredios. Mas tentarei.

Senti a euforia dele ao perceber o meu empenho cada vez maior em fazer da nossa parceria uma soma de esforços na maior pesquisa ufológica já empreendida por duas pessoas que, a princípio, nem se conheciam.

Ubirajara fez um longo silêncio, inquirindo:

— Se levaram a *criatura* para o Humanitas, por que o Hospital Regional tem sido mencionado nos boatos?

Pelo que podíamos concluir e pelas informações acessórias que já havíamos recolhido, a *criatura* teria tido uma passagem muito rápida naquele final de semana no Hospital Regional por ele possuir um pronto-socorro e atender grande parte da população, inclusive os mais carentes. Donde se conclui que seria temeroso demais mantê-la dentro do hospital, apesar de algumas funcionárias terem comentado a estranha movimentação ali ocorrida. Mas, mesmo que a *criatura* estivesse ficado por instantes, quem, afinal, a capturara? Quem a levava para os hospitais? E em qual veículo, se os caminhões do Exército somente foram utilizados para retirar as *criaturas* de Varginha? Se a primeira foi capturada pelo Corpo de Bombeiros (no sábado, dia 20 de janeiro, às 10h30) e, a segunda, retirada do Hospital Humanitas (na segunda-feira, dia 22 de janeiro, à tarde)... quem, teria, afinal, capturado a segunda *criatura*? Sabíamos que mais cedo ou mais tarde acabaríamos descobrindo. Tempo não nos faltaria para pesquisar.



Capítulo

8

*A alma inquisitiva
do homem ergue-se
acima dos credos
dogmáticos de ontem,
para a religião
de amanhã.*

Voltaire

Numas das nossas saídas de Varginha, meu parceiro e eu percorríamos a rodovia Fernão Dias, BR-386, quando nos demos conta que estávamos próximos a Passatempo, cidade praticamente localizada entre Três Corações e Belo Horizonte. Ali reside o conhecido ufólogo e pesquisador Antônio Faleiro.

— Vamos dar um entrada e fazer uma visita a ele? — convidou Ubirajara. Concordei.

Era final de tarde e tínhamos rodado o dia inteiro, findando mais uma rotina de entrevistas e depoimentos.

Não o conhecia pessoalmente e, para mim, seria de bom grado estreitar amizade com mais um pesquisador que tem prestado enorme contribuição à Ufologia, tendo, inclusive, construído um observatório no alto de um morro localizado a uns 15 quilômetros da cidade, destinado à observação de Objetos Voadores Não Identificados.

Recebeu-nos com agrado e satisfação, sendo uma pessoa gentil e extremamente bem humorada. Como estava muito bem sintonizado com as informações do *Incidente em Varginha*, sabidas através das leituras dos jornais e da televisão, até naquele momento ainda não podíamos passar para ele todas as notícias atuais referentes aos novos testemunhos conseguidos. Devíamos aguardar ainda um tempo até que nós mesmos pudéssemos trazê-las a público num momento oportuno e com o maior número de ufólogos, mais a imprensa reunida.

Convidados que fomos para um café acompanhado de broa de fubá, pão de queijo e outras tantas iguarias — o que é característica dos mineiros na recepção de convidados em suas casas —, a nossa conversa prendeu-se única e tão-somente sobre Ufologia de modo geral, sendo que a minha presença perante o Faleiro e eu lhe dizendo sobre o *CICOANI*, deixasse-o surpreso por não haver conhecido a mim há mais tempo. Justifiquei minha ausência do meio ufológico por estar sempre envolvido numa ou outra missão de campo e pesquisas, sem ter tido oportunidade de expor os meus trabalhos porque até então eram passados para o *CICOANI*, ali ficando em arquivos pura e simplesmente.

Embora o que ele soubesse se baseasse apenas nos recortes de jornais e nos dois programas do *Fantástico*, o pouco de novidade por nós mencionado a ele fez com que ficasse atônito, a ponto de exclamar bem a seu jeito mineiro:

— Agora, então, é que a coisa vai feder! E quando vão vazar essas informações?

— Não vai demorar — respondi e rimos descontraindo.

— Vocês, vão levar tudo a público?

— Quando chegar a hora, sim!

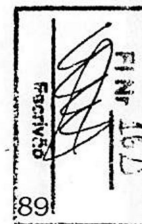
— Virgem Maria! — e coçou o queixo, num gesto de perplexidade e satisfação. — E vocês têm todo o meu apoio.

Por mais um tempo alongamos a nossa conversa e chegou a hora de partirmos.

Despedimos-nos num caloroso abraço, pegando a rodovia de retorno a Três Corações, onde eu ficaria e, a



O mestre Antônio Faleiro, construtor do primeiro observatório ufológico do Brasil





Eduardo Bertoldo Praxedes,
funcionário da Parmalat
(foto capturada de vídeo)

Varginha, roteiro final do Ubirajara. Era noite, e a rodovia estava em obra de duplicação, com o tráfego de caminhões pesados passando por nós buzinando, mais os ônibus intermunicipais, além dos carros de passeio com as imprudências de alguns motoristas. Agora isso, ainda havia as paralisações momentâneas em alguns trechos. Como o Ubirajara estava muito tenso ao volante, para distrairmos retornamos a falar de músicas e a cantá-las a nosso modo e para a nossa necessária descontração.

No dia seguinte, como de costume, estava de novo em Varginha coordenando as informações que chegavam. Achei por bem fazer um roteiro da semana, digamos assim, escrevendo o que havíamos conseguido até então e o que faltava. E estabelecer prioridades em relação a qual e quantos contatos de entrevistas teríamos que fazer durante aquele dia, pelo menos.

O telefone não parava de tocar. Quando não era a imprensa falada ou escrita ou televisiva solicitando mais informações, eram pessoas da cidade e de lugares próximos relatando avistamentos – necessários pois, de um encontro pessoal com cada um a nos ligar. Agora isso, havia sempre as chamadas periódicas de Claudeir Covo, de São Paulo, a professora Irene Granchi, do Rio de Janeiro, o A. J. Gevaerd, editor da revista UFO, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e outros ufólogos.

Também nos ligou o Eduardo Bertoldo Praxedes, funcionário da Yolat Indústria e Comércio de Laticínios Ltda. – Parmalat, indústria existente a cerca de quatro quilômetros antes da entrada de Varginha, num ponto bastante estratégico, porque possui uma extensa visão da estrada vindo no sentido Três Corações-Varginha. Um declive longo e culminando bem defronte da indústria, onde há uma ponte sobre o rio Verde e, após a mesma, a estrada faz uma curva aberta para começar a subida em direção a Varginha. Contou-nos que, no mês de janeiro, junto a outro companheiro de trabalho viram por diversas vezes um trânsito incomum de caminhões da ESA num constante vaivém para dentro e

fora de Varginha. Deu-nos ciência deste movimento na parte da manhã e à tarde, durante praticamente uma semana inteira!

Para nós foi muito importante esse depoimento, porque o Eduardo teve a oportunidade não só de avistar o comboio, mas o que lhes chamava mais a atenção era o ritmo razoavelmente acelerado com que os caminhões transitavam, tendo, inclusive, soldados armados com fuzis em suas carrocerias cobertas de lonas – bem típico para transporte de tropa.

Estava-nos dando esta informação, porque era comum para ele avistar, de quando em vez, um ou outro caminhão da ESA passando pela estrada com destino a Varginha numa velocidade normal permitida a caminhões e na rotina de compras de peças, mantimentos e outros particulares, já que a cidade é bem mais desenvolvida que Três Corações e muitas outras da região, por ser um pólo industrial marcante no Sul de Minas.

Mas um comboio? Com soldados armados? Num ir-e-vir a semana toda? – Assim questionava o Eduardo, inclusive sobre o que poderia ter sido se não havia parada cívica, pois não era dia festivo de comemoração do aniversário da cidade – talvez relevante sim, porque poderia haver ensaios para o desfile de militares, colégios e escolas. Mas também não era nenhum evento presidencial ou dessa envergadura que necessitasse de tanto ir-e-vir do comboio. Nem próximos estávamos do dia 7 de setembro. Então, por que seria? Era de se estranhar muito, tendo o próprio funcionário nos inquirido se sabíamos de mais novidades além das que estavam sendo relatadas nos jornais e televisão.

Agradei o telefonema avisando-o de que, num momento adequado e dentro do nosso roteiro de entrevistas, iríamos contactá-lo para que nos mostrasse onde estava, seu ângulo de visão, apresentar – havendo possibilidade – o seu companheiro e, ainda, nos dar o testemunho de ambos mas desta vez gravado. Concordeu, e o nosso encontro ocorreu dias depois, tendo em nossos arquivos mais estes depoimentos – por serem bastante contundentes.

Estávamos mais para a metade do mês de abril e já havia um tumulto em nossas vidas. Eu dormia, almoçava e jantava o *incidente em Varginha*. Além das costumeiras ligações telefônicas, uma senhora, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, após nos ver pela televisão e por haver filmado um OVNI, queria que fizéssemos uma análise do mesmo. Era um objeto voador totalmente definido, formato discóide, todo iluminado. Mostramos ao Claudeir Covo que, estudando o vídeo juntamente conosco, deu-o por verídico ficando bastante impressionado.





Professora Irene Granchi,
primeira dama da
Ufologia brasileira

Quando o Ubirajara contou-me que a professora Irene Granchi havia pedido a ele que fizesse uma palestra no Rio de Janeiro, informou-me ter-se comprometido com ela para um momento oportuno. Até então ela e eu não nos conhecíamos pessoalmente, e mesmo tendo meu nome aparecido na televisão e em jornais, em instante algum a professora me citara. Comentei o quanto seria estranho eu ir junto, fazendo parte como palestrante. Disse-me ele da necessidade de contar com a minha ajuda para que a palestra ficasse completa, porque nem tudo ele se lembraria. Fariamos um roteiro e dividiríamos as nossas falas, evitando o cansaço natural numa explanação ininterrupta de duas horas ou mais. Tornei a ponderar com ele sobre eu ficar no Sul de Minas enquanto estivesse fora. No entanto foi irredutível.

A palestra seria no sábado e combinamos então sair de madrugada. Retornei a Três Corações para descansar um pouco, embora eu fosse deitar-me à 1h, tendo de levantar-me às 3h, já que o Ubirajara passaria em casa de minha mãe às 4h, de onde seguiríamos com destino ao Rio de Janeiro, passando por Cambuquira, Lambari, São Lourenço, Serra da Mantiqueira e a Via Dutra, onde peguei no volante até o ponto final em Copacabana, onde nos hospedamos.

Pelo fato de eu ter feito pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas após deixar a Universidade Católica de Belo Horizonte, sabia muito bem como locomover-nos no Rio de Janeiro. Como estava muito cansado, preferi dormir um pouco, dispensando o almoço, enquanto ele achou melhor pegar um táxi e fazer um reconhecimento do local próximo a Faculdade Gama Filho, onde seria proferida a palestra marcada para as 18h00. Esteve com a professora Irene Granchi e ambos conversaram um pouco no auditório.

De retorno ao hotel, encontrou-me descansado, trajando terno e gravata, pronto para irmos, aguardando apenas a chegada de uma pessoa pertencente ao grupo CISNE, que faria o nosso traslado até o local da palestra, no décimo oitavo andar de um edifício de onde se descortinava um Rio de Janeiro sempre maravilhoso.

Finalmente fui apresentado à professora Irene Granchi, cujo tratamento à minha pessoa fora por demais formal. A todo instante chamava o Ubirajara para apresentá-lo a um ou a outro membro do Grupo, enquanto preferi adentrar-me no auditório, sentando-me numa das inúmeras cadeiras. Nesta hora vi chegar o Marco Antonio Petit, pessoa por demais conceituada na Ufologia brasileira devido a seus trabalhos publicados. Meu parceiro veio a meu encontro, trazendo-o a seu lado na intenção de nos apresentar. Chegou também o Luís Petry, editor do *Fantástico*, querendo conversar conosco.

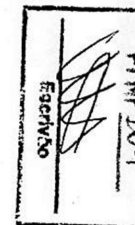
Com todos os presentes já instalados no auditório, a professora Irene foi ao palco para uma breve referência sobre o motivo de estarmos todos ali e, se sentindo honrada com a presença do Ubirajara, tecendo a ele efusivos elogios para, no final, mencionar meu nome dizendo que eu teria umas "coisinhas" a acrescentar.

Ubirajara iniciou sua fala fazendo uma série de explanações. Contou alguns episódios ufológicos conhecidos mundialmente e outros pesquisados por ele no Sul de Minas, ilustrando sua fala com a projeção de eslaides. Finalmente, ao abordar o *incidente em Varginha*, o auditório se fez mais atento. Mencionou as meninas e a boataria acontecida até o momento em que cheguei a ele, estando eu no Sul de Minas. A partir daí preferiu chamar-me para que eu prosseguisse a palestra. Subi ao palco bem-humorado, convocando os presentes para ouvirem as "coisinhas" a que a professora se referira. E passei a expor corretamente, de forma objetiva e clara o *incidente em Varginha*. No entanto, à medida que ia falando, inclusive sobre os pormenores das nossas pesquisas, percebi na professora a mudança de expressão facial, antes muito séria, para a de surpresa, admiração e de redobrada atenção ao que eu dizia. No final, creio que havíamos levado a bom termo o nosso objetivo. A professora procurou-me para parabenizar-me, confessando não saber o quanto era o meu envolvimento. E o frio contato inicial transformou-se em calorosa afetividade.

Ao deixarmos o salão, fomos jantar, indo também o Luís Petry, a psicóloga doutora Gilda Moura - que há de-



Pesquisador
Marco Antonio Petit,
conceituado ufólogo
brasileiro



zesseis anos examinou o primeiro caso de abdução, quando o contatado sofria traumas e profundas seqüelas. Autora de *UFO - Contato Alienígena*, Editora Ateneu -, nos confessou seu interesse de ir a Varginha para estar com as meninas e inteirar-se melhor sobre o incidente; e da possibilidade da ida do doutor John E. Mack. A professora Irene Granchi nos convidou para irmos no dia seguinte até seu apartamento.

Pela manhã, o Marco Antonio Petit foi até o hotel, desejoso de uma conversa reservada conosco. E em se tratando da pessoa que é, acrescentando a longa amizade dele com o Ubirajara, embora estivesse conhecendo-o apenas a partir do dia anterior, acedi.

Resolvemos ir até o Shopping Rio-Sul para um passeio matinal, quando nos sentamos em um Café e expusemos a ele tudo que havíamos conseguido até então, nas nossas pesquisas. Ele se impressionou, porque alguns dados propositalmente eu não havia mencionado na palestra, deixando-os para uma outra ocasião, em outro lugar.

Petit mostrou-se interessado em promover um evento ufológico no Rio de Janeiro, desejando contar com as nossas presenças. Posteriormente, o evento ocorreu, tendo comparecido o Ubirajara porque eu estava agendado com outros compromissos.

Em casa da professora Irene, pude admirar com entusiasmo o grande acervo da renomada pesquisadora. Assisti a alguns filmes, vi fotografias e eslaides.

É um acervo que também como o do *CICOANI* necessita de ser informatizado dada a enorme quantidade de preciosidades ufológicas. Roguei à artista plástica Francisca Granchi, sua filha, que assumisse essa incumbência. Tanto o *CISNE* quanto o *CICOANI* deveriam ser patrimônio aberto aos milhares de interessados em Ufologia.

Foi por demais proveitoso o nosso encontro. Às 14h, resolvemos tomar rumo de casa. O Petit foi conosco até um ponto da cidade, onde desceu. E, como na vinda, enquanto estávamos na Via Dutra, fui dirigindo. Quando cheguei a casa de minha mãe, era noite.

Como os depoimentos daqueles dois militares que me contaram sobre o comboio não foram gravados, comecei a trabalhar no sentido de conseguir pelo menos a entrevista deles com o Ubirajara. Avisei ao Claudeir Covo e ao Luís Petry. A ele, Claudeir, sempre atento aos acontecimentos, expus mais algumas particularidades, alegando o quanto seria bom se ele estivesse em Varginha para um contato pessoal.

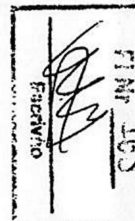
Dois dias depois consegui, após uma demorada conversa, que os militares conhecessem estas pessoas e contassem a elas tudo o que sabiam. Fiz-lhes uma preleção sobre cada um, terminando, como de costume, lembrando a ambos a total e absoluta segurança do anonimato.

No final de semana, Petry e Claudeir foram a Varginha. Somente um militar pôde ir comigo, porque o outro estava de serviço no quartel. Viajamos de madrugada, com ele sentado no banco de trás do carro, para se esconder caso fosse necessário.

E no auditório anexo à casa do Ubirajara finalmente todos puderam ouvir, assombrados, os pormenores da operação-retirada da *criatura* do Hospital Humanitas, além dos nomes dos soldados e oficiais envolvidos. Extremamente impressionado, Petry quis saber como iríamos fazer para colocar no *Fantástico*. Disse não haver condições porque o militar era da ativa e sofreria o castigo da cadeia e outros inúmeros aborrecimentos. Sugerí que fosse usado o mesmo recurso do segundo programa, quando a outra testemunha teve a imagem protegida e a voz eletronicamente distorcida.

Todos fizeram perguntas cujas respostas foram absolutamente a contento.

Terminado o encontro, retornei a Três Corações, com o militar no banco de trás, deixando-o em local próximo a sua residência - com receio de sermos vistos juntos àquelas horas defronte à casa dele.



Capítulo

9

*Na escala cósmica,
só o fantástico tem
probabilidade de ser real.*

Theilhard de Chardin

Uma autoridade judiciária passou para o Ubirajara uma informação muito importante e que veio responder às nossas perguntas sobre o envolvimento do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar de Varginha, além da ESA. A informação referia-se à captura da segunda *criatura* avistada pelas meninas naquela tarde de sábado, dia 20 de janeiro. Como um quebra-cabeça, muitas das peças estavam colocadas no lugar, mas ainda havia suposições sobre isto e até então não encontrávamos meio de explicar a nós mesmos como tudo ocorrera.

Pois esta pessoa contou-nos que num churrasco entre amigos, um elemento que trabalha para a Polícia Militar de Varginha confidenciou sobre a veracidade do que os ufólogos – referindo-se principalmente a Ubirajara e a mim – estavam conseguindo apurar. A *criatura* realmente esteve dentro de um veículo da PM após ter sido capturada viva na noite do mesmo dia 20. Sem demonstrar nenhuma resistência à captura, e como eles não sabiam o que fazer com ela, um dos militares de dentro do veículo sequestrou o nome de um médico, seu conhecido, alegando que ele poderia vê-la e ajudá-los com o que fazer com ela. Decerto, uma opinião médica

valeria muito naquelas circunstâncias, ainda mais na suposição deles de que a mesma poderia transmitir alguma doença ou estar com algum problema, se em momento algum manifestara reação de ataque nem mesmo de defesa. Passiva e recolhida, era como se aguardasse que eles pedissem socorro e obtivessem ajuda, o que seria de vital importância para todos, principalmente num caso singular jamais vivenciado pelos policiais.

Foi quando a levaram para um Posto de Saúde e chamaram o médico, que foi até lá fora para atendê-los.

— Doutor, estamos com essa coisa aqui dentro e o senhor podia nos ajudar no que fazer com ela.

Olhou para a *criatura* e afastou-se aborrecido em saber do que se tratava, alegando não querer o nome dele ligado “àquilo”, porque tinha um nome a zelar.

— Mas, doutor, o que vamos fazer com isso?

— Não sei! Não sei e nem quero saber o que fazer com essa coisa. Vão com ela pro Regional, que é o mais certo! Não quero é me envolver com isso aí, de jeito nenhum, pois isso não é desse mundo! – e retornou para dentro do Posto de Saúde, sem dar atenção aos outros militares de dentro da viatura.

Assim ocorreu exatamente o que suspeitávamos: o envolvimento do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e da ESA estava configurado. Difícil foi precisar o horário certo quando tudo ocorrera e o tempo da passagem entre o Hospital Regional para o Hospital Humanitas, possivelmente naquela mesma noite.

Lamentável dizer, mais uma vez, o quanto as pessoas são temerárias por veicularem seus nomes a um fato dessa grandeza. Continuam pequenas, não conseguindo avistar senão mais que um palmo de vaidade além dos narizes, fazendo-se passar como imponentes figuras numa sociedade de iguais mediocres e borbotas. E este foi o médico com que fizemos contato e por quem fomos tratados no nível de sua arrogância.

Com os dias ficando cada vez mais frios, os agasalhos começaram a aparecer com as pessoas em todo o Sul de Minas. Na tarde do dia 26 de abril, recebemos um telefonema do senhor Marcos Clepf, nome de origem alemã, pessoa ligada ao meio político varginhense, tendo sido vereador e, por isto mesmo, por demais conhecido e respeitado na cidade.

Contou-nos ter uma informação que, a bem da verdade, durante uma semana inteira, fê-lo refletir se deveria ou não torná-la pública, receoso do fato de ele e a família virem a ser ridicularizados. Mas, incomodados que estavam, decidiram de comum acordo entre os familiares, nos narrar o acontecido com a esposa, dona Terezinha Clepf, 67 anos.





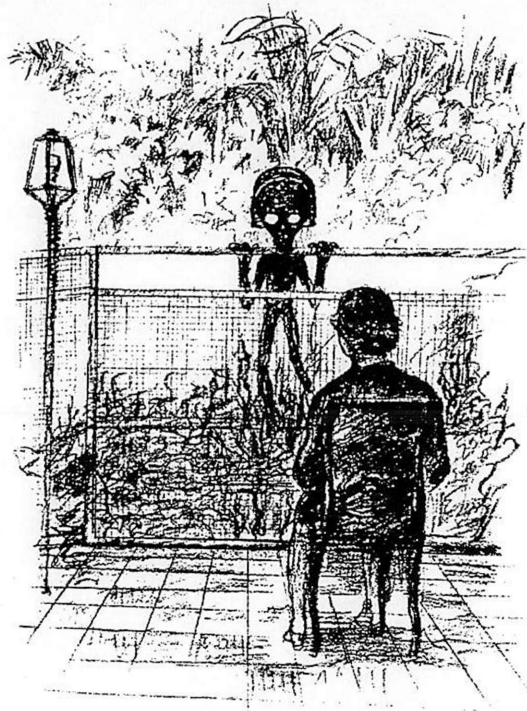
Dona Terezinha Clepf

Fomos à casa deles e ela nos disse que no dia 21 de abril, domingo, às 21h, estivera com o marido em uma festa de confraternização no restaurante rústico localizado dentro do Jardim Zoológico de Varginha. Restaurante simples porém muito requisitado para estes tipos de eventos, dada a beleza do lugar.

Eram aproximadamente 21h. Ela havia jantado, tomado um cafézinho e resolvera afastar-se da mesa, pois o marido e outros senhores estavam conversando e nenhum era fumante. Não querendo incomodá-los com a fumaça, resolvera sair da mesa, dirigindo-se até o avarandado um tanto escuro devido as grandes árvores e por não estarem ligados os holofotes externos daquele setor e nem as luzes da varanda (quando soubemos, mais tarde, pela direção do Zoológico estarem com defeito).

Dona Terezinha sentou-se numa cadeira, acendeu o cigarro e deparou à sua frente, numa distância de cinco metros de onde estava, a presença de uma *criatura* em pé, recostada na parte de fora do parapeito da grade metálica. Confessou-nos seu medo momentâneo devido ao susto e por julgar ser, à princípio, um animal solto, embora jamais tivesse visto algo semelhante. Não conseguia divisar direito o que era porque a luz existente vinha do restaurante. Tinha dois olhos grandes, vermelhos, arregalados, sem pupilas e luminescentes, olhando fixamente para ela. O nariz quase nenhum e a boca à semelhança de um pequeno rasgo horizontal. Percebeu que a pele era marrom escura, oleosa. Havia sobre a cabeça uma aparência de um capacete ou touca dourada. Ambos se olharam por aproximadamente sete minutos em silêncio. A *criatura* não se mexia, embora de alguma forma abrisse e fechasse aqueles olhos enquanto continuava olhando-a.

Dona Terezinha diz que os olhos se assemelhavam a "faroletes traseiros de carro freando". Acometida de enorme medo, preferiu erguer-se lentamente da cadeira e retornar para dentro do restaurante. Ainda na porta voltou o olhar para fora, continuando a avistar a *criatura* ainda inerte, no mesmo local e a fitá-la fixamente como antes. Amedrontada, juntou-se aos demais, preferindo nada comentar a respeito com receio de algum pânico vindo de



Simulação do momento em que dona Terezinha Clepf vê a criatura na varanda do restaurante



outras pessoas ou de causar algum transtorno, ou tornar-se vítima da pilhéria de algum espírituoso ali presente. Procurou o marido, chamando-o para ir embora. Quando entraram no carro é que se dispôs a comentar o ocorrido, demonstrando muito nervosismo naquele momento.

Em casa, naquela noite, não conseguia conciliar o sono. A imagem daquela *criatura* a aturdiu, persistindo em sua memória. E nos dias subseqüentes um medo interior, incomum. Lembrou-se da *criatura* que há dois meses fora vista pelas meninas que ela própria não conhecia e comentou com os familiares. Até que, finalmente, estava a nos narrar o fato, acreditando que, de alguma forma, poderia ser útil em nossas pesquisas, porque até então vinha acompanhando pelos jornais e televisão o nosso envolvimento.

Ao terminar seu relato pedimos a ela, ao senhor Marcos e aos filhos se poderíamos divulgar para a imprensa, considerando que estávamos diante de um testemunho feito por uma senhora idônea e consciente de seu papel na sociedade. Tal depoimento teria uma enorme força de credibilidade para quem escutasse a sua história. E que tal avistamento não deveria ficar mais restrito ao meio familiar apenas. Concordaram conosco e o assunto veio a público, com a dona Terezinha sendo assediada pela imprensa nas semanas e meses subseqüentes.

Após a imprensa divulgar o depoimento da dona Terezinha Clepf, quem entrou em contato conosco foi a doutora Leila Cabral, diretora há muitos anos do Zoológico. Reportou-nos que uma semana antes do dia 21, ou seja, na semana anterior em que dona Terezinha tivera o avistamento, cinco animais saudáveis até então vieram a falecer de maneira inexplicada e misteriosa. Uma anta, dois veados, uma arara azul e uma jaguatirica.

Ao fazerem a autópsia da anta, que a doutora Leila carinhosamente apelidara de *Barzeco*, por ser saudável e brincalhona, o laudo identificou morte por "*substância tóxica não identificada*". Nos veados, "*intoxicação cáustica sem causa aparente*". Nos outros três, "*nada que justificasse a morte*".

Surpresa maior tanto para a doutora Leila como para o médico-veterinário Marcos de Araújo Carvalho Mina: os animais morreram de forma abrupta e inesperada. O Zoológico é muito bem cuidado, as águas são tratadas e os alimentos selecionados. Somos testemunhas do zelo existente ali. Mesmo assim, houvesse um produto tóxico, seria ele detectado nos exames das vísceras dos animais. Porém, ao aparecer "*substância tóxica desconhecida*" e nos outros animais "*nenhuma definição*", alguma coisa ou algo inexplicado realmente havia acontecido!

Pelo fato de dona Terezinha Clepf haver-se prestado a um testemunho público, a doutora Leila associou os fatos pois tudo acontecera na semana anterior ao avistamento desta *criatura*. Ela, no entanto, de capacete dourado na cabeça, seria da "família" das outras? Ou será que o Sul de Minas tenha-se tornado um local ideal para a observação de seres cada vez mais estranhos? Por alguma razão estavam ali. Mas fazendo o quê? E quem eram?

Conversávamos a respeito quando o doutor Marcos, ao comentar as notícias que saíram nos jornais e na televisão, lembrou ter cruzado com um comboio do Exército na estrada, ao ir buscar a filha no Country Clube de Varginha, situado a quatro quilômetros da saída de cidade, cuja entrada é justamente defronte da Parmalat. Isto no dia 22 de janeiro, numa segunda-feira!

Ainda no final do mês de abril, uma série de avistamentos ocorreu no Sul de Minas. Dentre os de que tomamos conhecimento, o mais importante foi o acontecido sobre a indústria Standard – multinacional recentemente instalada em Varginha – onde mais de trinta pessoas, entre operários, pessoal do setor administrativo e executivo, deixaram o trabalho e foram para o pátio testemunhar a ocorrência.

Eram 11h, o céu azulado de outono, sem nenhuma nuvem, quando um objeto discóide, prateado, aproximadamente a duzentos e poucos metros de altura, vindo do horizonte, pairou acima da indústria. Ao mesmo tempo, um outro objeto idêntico ao primeiro veio de outra direção, pairando abaixo deste. Foram-se aproximando lentamente e, como num engate, saíram em alta velocidade sumindo no horizonte.

Um dentista de Três Corações, solicitando a cobertura de seu nome, receoso de ser alvo de gracejos, contou-nos ter saído de Varginha rumando para Três Corações e, ao decidir cortar caminho, entrou numa estrada vicinal de 8 quilômetros existente no trevo da rodovia Fernão Dias. Isto, por não querer atravessar todo o distrito industrial de Três Corações, sendo que esta estrada vicinal o deixaria antes, no bairro Cotia, onde tem seu consultório.

Era em torno das 20h quando, subitamente, seu automóvel começou a falhar. Pensou na estranheza do fato por ser um carro novo, recém-adquirido. De repente avistou do seu lado esquerdo parte de um objeto enorme, com algumas curvaturas, voando bem acima dele com a outra parte cobrindo o carro numa proximidade assustadora, fazendo-o temer um contato que certamente provocaria um desastre. Havia umas arestas onde diversas luzes amarelas e vermelhas piscavam, projetando completa luminosidade ao objeto.

Disse-nos que, nesse momento, entrou em pânico. As pernas tremiam, as mãos no volante ficaram paralisadas e o motor perdia a força, mesmo ele tentando acelerar. Olhava para o objeto e ele ali, enorme. O medo tomava-lhe o corpo rígido. O suor a descer pelo rosto. Virou o volante para o acostamento e o carro foi parando, desligado. A partir desse momento fechou os olhos com pavor de observar o objeto, embora percebendo o piscar das luzes. Silêncio absoluto por um tempo curto até



que, num repente, o motor voltou a funcionar com o objeto se distanciando. Acelerou o que pôde e, alucinado, partiu em direção ao seu destino numa velocidade que ele mesmo jamais alcançara.

Porque o conheço desde o meu tempo de criança, e também a família dele, não detectei mentira naquele testemunho, conhecendo sua honradez e honestidade. Aconteceu e pronto. Mas confessou jamais esquecer aqueles momentos em toda a sua vida.

No dia 30 de abril fui entrevistado, por telefone, pela revista *Veja*, juntamente com o Ubirajara, no escritório dele, o qual se tornara o nosso *quartel-general*. Pediram-nos se poderíamos colocá-los em contato com as meninas. Prontifiquei-me a fazer isso no dia seguinte, quarta-feira, 1º de maio, feriado.

Combinamos que Kátia, Liliane e Valquíria falariam com eles para que pudessem ter seus depoimentos gravados, ainda que estivessemos programados em fazer pequena viagem no intuito de confirmar algumas informações em cidades periféricas. Mas tendo o Ubirajara se ausentando por razões particulares, coube a mim esta incumbência.

Sai de Três Corações bem cedo no feriado, indo a Varginha – como habitualmente estava fazendo por dois meses – com o único propósito de encontrar-me com as meninas. Passaria na casa de Liliane e Valquíria. Depois, com elas, iríamos até a de Kátia, seguindo para o posto telefônico, de onde faríamos a ligação para a revista.

Pelo menos duas vezes por semana encontrávamos com as meninas, na intenção de informá-las sobre alguém que estava para chegar, no intuito de avistar-se com elas, marcando dia, horário e local da entrevista e também pelo fato de nos havermos tornado amigos. Como desta vez não tínhamos nada programado, preferi ir bem cedo, desejoso de vê-las ainda em casa, pois poderiam sair a passeio, aproveitando o dia de folga.

Ao chegar, dona Luísa veio contar-me a estranha ocorrência na noite do dia 29 de abril, às 22h30, quando quatro homens trajando ternos escuros, dois morenos, aparentando a idade de quarenta anos, um claro e outro alourado – que no dizer dela *"nenhum, com certeza, parecia ser de Varginha pelo jeito de conversar, mas tinha dois com sotaque do Sul de Minas"* – descendo de um carro de cor preta estacionado próximo à casa dela, quando ela e as meninas se preparavam para dormir.

Ao baterem palmas do portão, dona Luísa não se incomodou com o horário, porque a filha mais velha, Juliana, estava na escola e o marido trabalhando

na empresa de ônibus onde é cobrador. Valquíria foi atender, anunciando a ela a presença dos homens. *"— Pensei que pudesse ser o Ubirajara com repórteres, ou coisa desse tipo. Enquanto fui ao quarto pra trocar de roupa, os homens foram entrando"*. – descendo o pequeno passeio que vai até o final do lote onde está a casa – tipo barracão – construída nos fundos do terreno e em declive com o nível da rua.

Embora bem vestidos, quem seriam eles, se não se identificaram?

"— Falaram que queriam "bater um papo" comigo e com as meninas sobre o ET que elas viram. Contaram que aquela era a única hora em que podiam estar ali. E pediram pra trancar o portão porque o assunto era particular e que a gente não podia receber ninguém de visita naquele momento. Quando quis saber seus nomes, falaram que os nomes deles não eram de meu interesse. Um deles perguntou às meninas o que de fato elas tinham avistado. E, à medida que respondiam, um deles fazia anotações num caderno pequeno. Os outros dois permaneceram calados o tempo todo. Que tipos de sonhos tinham para a vida futura? Quanto ganhava como empregada doméstica? E o salário do marido era um tanto bom pra gente viver em paz? E o que é que a gente precisava pra superar a nossa vida humilde?"

Com respostas simples, diretas, objetivas, dona Luísa estava temerosa e com enorme receio de alongar a conversa. Foi quando um deles alegou que cobriam com muito *"mas muito dinheiro mesmo, o sonho da família"*. Mas as meninas, ela e o marido teriam de sair de Varginha. Iriam com eles, numa data previamente estabelecida, se deslocar para uma outra cidade onde as meninas gravariam um depoimento negando toda a história. Ou seja, as meninas teriam que desmentir o que viram, alegando ter sido a *criatura* uma brincadeira que elas inventaram e, por terem ido longe demais, era chegada a hora de negar toda aquela história. Então, assim, elas seriam pagas com muito dinheiro! Um *"muito"* não especificado, mas segundo eles, dinheiro de sobra para realizar o sonho da casa própria e diversos outros.

"— Afirmaram que seriam a mina de ouro e que eu e minhas filhas jamais pensamos em ter".

À medida que dona Luísa narrava a mim o ocorrido, sentia o temor em seus olhos. De tão preocupada, contou-me que não dizia nem *sim* nem *não*. Sem telefone e meios àquela hora de entrar em contato com o Ubirajara ou comigo, preferiu manter-se na defensiva. *"— Quando perguntei se o Ubirajara é que tinha mandado eles pra cá, falaram que não tinham nada com o Ubirajara, e pra gente esquerçar ele. E que na hora das meninas desmentir tudo, também não ia ser nas TVs "mixurucas" daqui de Varginha."*

Como a conversa estendeu-se até um pouco antes da meia-noite, ofereceu um cafezinho aos quatro homens. De tão amedrontada, deixou às mãos uma faca

de cozinha quando foi buscar a garrafa de café, mesmo percebendo que os homens não eram pessoas malévolas mas, por intuição, compreendia que o silêncio das meninas, o desmentir da história, a mudança da cidade, o realizar dos sonhos da família – tudo aquilo estava ficando muito estranho

Estranho suborno, sim! E dos grandes, partindo de quatro homens que em momento algum se identificaram! Disse à dona Luisa que este fato deveria ir para imprensa. Ela, no entanto, argumentou estar com muito medo *"porque eles prometram voltar pra saber a resposta, e porque eu disse que, se era pras meninas desmentir tudo, como eu ia ter certeza de pôr a mão no dinheiro? Foi quando um deles falou que se eu tivesse medo de pegar naquele dinheiro todo, bastasse eu dar um documento pra eles abrirem uma caderneta de poupança pra mim"*

Liliane e Valquíria aguardavam-me para irmos ao encontro de Kátia. E elas, as três, falariam com o repórter da revista VEJA, do posto telefônico. Mas era preciso que dona Luisa terminasse de contar. *"— Perguntei se eles não tinham um número de telefone pra me dar, pois eu ia pensar no assunto. Disseram que não, que iam voltar."*

Tornei a dar ênfase à necessidade de anunciar o fato à imprensa e tranquilizei-a argumentando que melhor seria se todo o mundo ficasse sabendo, pois, assim, ela e as meninas estariam sendo vigiadas pela própria vizinhança inclusive quando (e se), na calada da noite, novamente surgissem os porta-vozes de quaisquer autoridades querendo tapar o sol com a peneira... para não dizer os narizes dos outros, na intenção de não sentirem a catinga do suborno, pior que o mau cheiro de amoníaco da *criatura*.

Diríamos melhor, parafraseando o grande brasileiro Aparício Torelli – Barão de Itararé –, quando se referia à existência de alguma coisa no ar... além dos aviões de carreira...; se o certo, mesmo, fosse agora dizer sobre alguma coisa no ar... além dos Objetos Voadores Não Identificados!...

A equipe dos humoristas do *Casseta & Planeta* entrou em contato conosco expondo o desejo de fazer um programa sobre o *"ET de Varginha"* e gostariam que as meninas, Ubirajara e eu aparecêssemos. Fomos contra esta possibilidade, até porque, antes de eles nos terem telefonado, qualquer referência depreciativa ou humorística buscaria prejudicar as nossas pesquisas, pondo em risco o nosso trabalho iniciado desde janeiro, além de pôr em risco a credibilidade conquistada, apesar de inúmeras vezes ter dado às meninas e a nós vários aborrecimentos pelos comentários e críticas desairosos. Ainda mais com o programa *Casseta & Planeta*,

projetando para todo o Brasil as imagens das meninas e as nossas, numa inversão de valores não proposital, certamente porque a equipe é talentosa, divertida, com um humor diferente e atual. A nossa preocupação se prendia à enorme platéia televisiva que, ao achar graça do *"ET"* sendo entrevistado, passeando na rua, tomando cerveja em boteco; tais quadros não seriam apreciados e compreendidos apenas como uma distração sobre um tema sério. Pelo contrário, estaria criando mais um novo argumento para os descrentes somarem aos seus motivos *"à certeza"* de que não passam mesmo de grande balela as *criaturas* do espaço e seus objetos voadores e, por extensão, aos ufólogos, constantemente rotulados como patéticos e lunáticos.

A resposta de Ubirajara foi tangencial, ou seja, evitando a negativa pura e simples, invocou a necessidade de primeiro conversar com as meninas, alegando não terem elas telefone em casa e porque somente elas poderiam decidir. Do outro lado da linha havia relutância, mas Ubirajara teve a devida postura em sustentar as dificuldades inerentes ao encontro, deixando as meninas e dona Luisa decidirem por si próprias.

Terminada a ligação fomos até a casa delas para uma conversa explicativa. A equipe do *Casseta & Planeta* chegaria a Varginha numa quinta-feira, 2 de maio, indo embora no sábado, dia 4. Lembramos o quanto estariam prejudicadas se participassem do programa de que elas gostavam mas, nesse caso, seria depreciativo. Concordaram conosco sabendo que a chegada da equipe certamente teria a cobertura da *Globo* e que iriam à casa delas. Que trancassem o portão a cadeado e não saíssem. Demos as recomendações necessárias e ficamos ao aguardo. Chegou a equipe, e impressionou-nos sobremaneira o comportamento do pessoal da *Globo* de Varginha – que até então vinha adotando uma certa parceria conosco ao nos procurar para obter novas informações e levá-las ao ar. No entanto, mesmo explicando a eles o ruim que seria para as meninas, de nada adiantou, pois estavam aplaudindo a equipe do *Casseta & Planeta* devido ao *"maior sucesso"* na divulgação da cidade. Chegaram a oferecer dinheiro às meninas, que não cederam, atendendo às nossas solicitações.

Naquela manhã em que elas deram a entrevista por telefone à revista *Veja*, eu estava preocupadíssimo. Consegui um sítio de um conhecido meu e as preparei para levá-las, com bagagens e mantimentos, ali ficando por dois ou três dias. Quanto a dona Luisa não havia problema. Trabalhando o dia todo como empregada doméstica, saberia se comportar e afastar-se de situações constrangedoras.

Antes de seguirmos viagem parei defronte à *Globo* de Varginha e, sem descer do carro, pedi ao porteiro que chamasse a Janete, editora-chefe. Não tardou e ela apareceu olhando assustada para as meninas, as bagagens e as sacolas de feiras.



— Estou passando por aqui na intenção de noticiar a você que lamentamos muito, se foram explicadas as razões de não usarem as meninas para o jocoso. E ninguém nos deu crédito. Agora, estou retirando-as da cidade.

Janete ficou desapontada.

— Olha, Pacaccini, entendo perfeitamente e espero que você não fique magoado. Sabe que trabalho para a empresa e o *Casseta & Planeta* tem muita audiência. Você me desculpe, mas não tenho controle sobre isso. E quanto a quem procurou as meninas para oferecer dinheiro eu não tive como evitar.

Agradei. Pela cidade havia cartazes e faixas pregados e dependurados nos postes: "*A Prefeitura de Varginha parabeniza a equipe de Casseta & Planeta que vem aqui nessa cidade cósmica...*" — "*O ET de Varginha abre os braços para a turma do Casseta & Planeta*". Mais e muitas alusões ao ET caricaturado saudando a equipe!

Quando chegaram, a cidade quase parou. Na praça, junto a um palanque armado, desceram dos carros a tralha dos equipamentos. Até o prefeito Aloysio Ribeiro de Almeida estava presente. E começaram o trabalho. Abordam um passante; perguntam alguma coisa a alguém; ao terceiro: o que acha disso ou daquilo? E seguiram adiante.

Quando o programa foi ao ar no dia 7, fui assistir a ele na casa do parceiro, porque a Globo local queria colher a nossa opinião. Tudo terminado, disse que o país é democrático, o humor é saudável e que aquele programa, em hipótese alguma, afetou as investigações em que estávamos envolvidos — porque, também, em nada contribuimos para esse programa. Normalmente não assisto a esse e outros programas de humor na televisão, porque todos são chochos, risíveis e fracos na sua essência. Quem pode lembrar-se um pouco dos programas de rádio que já ouviram e alguns outros na televisão de bons anos passados, sabe o que digo. Mas não deixou de ser interessante para o povo de Varginha se a cidade estava sendo falada e mostrada para todo o Brasil através de um programa de humor — embora fraco — mas mil vezes preferível a abordar grande tragédia ou assalto mirabolante, ou surpreendente crime passionai bem a gosto e na pauta do noticiário jornalístico e televisivo. Ainda bem. Varginha continuou depois do gracejo a mesma cidade pacata e agradável. Teve o seu momento de descontração e prosseguiu no cotidiano de cidade grande, boa, pacífica e interiorana.

As meninas retornaram para casa e nossa rotina prosseguiu sem mais atropelos dessa natureza.

Um outro militar veio nos contar como procederam os caminhões no pátio do Hospital Humanitas, quando da retirada da *criatura* para o transporte rumo à ESA. Como há tempos estava temeroso, somente naquele dia concordou, crendo na importância de seu depoimento. E, embora o que nos disse fosse repetindo as iguais informações já por mim obtidas, assim mesmo — ao deixar gravado o seu depoimento —, era mais um militar entrando para os nossos arquivos e a acentuar ainda mais a verdade dos fatos.

Acreditando haver uma quantidade grande de informações ainda não noticiadas, marcamos para o dia 4 de maio, sábado, uma segunda reunião com os maiores ufólogos brasileiros — que se prontificaram a tomar conhecimento das ocorrências.

Essa reunião entrou para a história da Ufologia no Brasil quando, pela primeira vez, em torno de um só assunto — pertinente ao avistamento da *criatura* pelas meninas e o desdobramento dos fatos — tivemos a oportunidade de recapitular com eles o já veiculado na imprensa, acrescido de dados muito mais contundentes e impossíveis de ser ao menos contestados.

Na quinta-feira, 2 de maio, o Luís Petry chegou para a reunião com os ufólogos designada para o sábado, dia 4. Contamos a ele tudo o que havíamos apurado, desde o nosso último encontro, e ficou surpreso com as novidades, além de preocupado ao mesmo tempo pela impossibilidade de colocarmos todas essas informações na frente das câmeras.

Na sexta-feira saímos os três, ele, Ubirajara e eu, na própria viatura da *Rede Globo*. Rodamos vários pontos de Varginha e seguimos para Campanha, depois Alfenas. Retornamos para almoçar. Não eram 14h, quando o Claudeir Covo veio juntar-se nós chegando de São Paulo para a reunião.

Meu desejo maior era que tanto o Petry quanto o Claudeir pudessem conversar com a autoridade judicial que nos confirmara a captura de uma das *criaturas* pela Polícia Militar de Varginha. E mesmo sendo ela difícil de ser encontrada, dada a diversidade de seus horários de trabalho, demos sorte por conseguirmos localizá-la num edifício público do Estado. Fomos até lá na maior discrição possível, e enquanto não nos atendia, uma advogada — amiga de Ubirajara — encontrou-se com ele casualmente, noticiando-lhe que a sua empregada tem uma filha residente em Três corações, num bairro de periferia, e que um militar da ESA, em uma festinha muito discreta havia confirmado como verdadeira a captura da *criatura*, embora a notícia fosse sigilosa.

Perguntamos à advogada se poderíamos falar com a empregada, mãe da moça. Incontinenti ela ligou para casa e chamou-a. Conversou com ela em nossa



presença. Num repente a advogada nos convidou para ir até sua casa, alegando ser mais fácil o nosso diálogo com a empregada. Neste momento, foi possível conversar com a autoridade judicial que estávamos aguardando. Após as apresentações, Claudeir Covo e Petry ovirtam a confiança da confirmação de que a *criatura* fora realmente levada para o Posto de Saúde e, depois, ao Hospital Regional.

Logo após esse contato fomos para a casa da advogada, amiga do Ubirajara, conversar com a mãe da moça, que estava a par dos acontecimentos.

— Os senhores podem ir falar com ela, sim, uai! Vejo problema, não.

Explicamos que seríamos o mais discretos possível.

— Eu sei. É pela carruagem que a gente sabe quem vem dentro. E os senhores são gente fina, uê. Escreve aí o endereço!

Perto do anoitecer, decidimos viajar a Três Corações para falar com a moça. Ubirajara não pôde ir em virtude de outros compromissos. Fomos somente Petry, Claudeir e eu.

Encontramos a moça e dissemos que a mãe dela nos dera o endereço. Ela achou melhor que fôssemos mais tarde da noite para não sermos vistos. Ante a concordância e nossas explicações a que viemos, pedimos à filha para nos levar à casa do militar. Aproveitando o tempo livre que tínhamos, demos uma volta pela cidade, rodeando a ESA e seguimos para o jantar em casa de minha mãe.

Chegamos à rua escura e sem calçamentos. Não havia campanha, mas um cachorro acorrentado latia incessantemente. Por várias vezes bati na porta e gritei o nome do militar. Até que uma luz acendeu e pude avistar o rosto dele um tanto assustado ao olhar-nos, reconhecendo a moça ao nosso lado. Disse-lhe não querer incomodá-lo, mas estávamos necessitados de trocar umas idéias com ele.

Neste momento, o Petry ligou o minúsculo gravador no bolso da sua camisa, na intenção de colher todas as nossas falas.

Atendeu-nos visivelmente constrangido, abrindo a porta e se desculpando por haver dormido àquela hora devido ao cansaço do dia no quartel. Convidou-nos a entrar e, na sala, fez as apresentações como se fôssemos professores: do Rio de Janeiro, de São Paulo, e eu, de Belo Horizonte. Fiquei receoso de sermos reconhecidos devido às grandes reportagens que haviam circulado nos periódicos da semana, trazendo minha foto como a de Claudeir, além de minha presença em reportagens da televisão. Anunciei a nossa intenção de ouvi-lo, mas antes me alonguei um pouco expondo os boatos sobre a *criatura* e as ocorrências em torno da sua captura.

Perguntou se a nossa conversa estava sendo gravada. Disse que não precisava se preocupar com isso porque, mesmo gravando, a nossa intenção jamais seria a de prejudicá-lo. Ainda assim estava temeroso de represálias por parte da corporação. Criticou o Ubirajara – porque até aquele momento era o único nome

que ele sabia, na sua desinformação –, alegando que o mesmo queria fazer sucesso com o caso, na tentativa de alardear um assunto que não tinha nada de verdadeiro!

Educadamente revidei que não era bem assim porque ele mesmo, em uma festinha de poucos dias passados, havia mencionado, na presença de muitas pessoas, que o caso da *criatura* era verdade! Olhou-me com acanhamento, mas ainda assim tentou se articular com aquelas expressões do meio militar – negativo, positivo, última forma – deixando transparecer para um leigo e não para nós, o quanto estava orientado para sair-se bem de “*situações de risco*”.

Pacientemente expliquei a ele sobre o nosso trabalho, a pesquisa ufológica, o anonimato das testemunhas. Nós, ali, buscávamos a verdade. E fui incisivo ao dizer, olhando-o nos olhos, que ele também poderia nos contar o que sabia porque tínhamos certeza do seu conhecimento através de outros militares que haviam deposto para nós. Além do mais, a moça ao nosso lado havia-o escutado dizer sobre a captura.

— Eu falava sobre outro assunto e ela se equivocou. Deve ter entendido errado.

— Entendi não! – retrucou a moça, olhando para ele e escondendo um riso frouxo, percebendo-o mentindo.

E quanto mais negava, mais evidente era a mentira. A moça comentou que ela escutara, que a mãe também, e outras muitas pessoas presentes na festinha.

Mas ele prosseguia negando com certa pompa no falar, muito bem articulado na desconversação. E o hilário estava por vir: nós ali, em busca de informação, começando a temer com o término da fita rodando e que, ao desligar automaticamente, fizesse barulho. O Petry marcou no relógio seu tempo de andamento. E se preparando para o pior, iniciou uma tosse acompanhada de insistente limpeza de garganta, ao aguardo de que a fita terminasse. Tossia, limpava a garganta e passava a mão no peito. Vontade de rir eu tive, muita, mas contornava o riso, frente ao militar se fazendo de sério, sisudo, pernóstico até. Outra tossida do Petry, a mão no peito novamente e o gravador desligado. Alívio geral!

Percebendo inúteis as nossas tentativas, resolvemos pedir desculpas pelo incômodo. Agradecemos-lhe, deixamos a moça onde ela reside e viajamos de retorno a Varginha. Encontramos Ubirajara em casa. Ao perguntar se houve novidade, Petry ligou o gravador e foi uma risadaria sem par. Olhos lacrimejantes. Mãos nas barrigas ...e um momento raro de descontração há tempos não nos acontecendo. De qualquer forma valeu. E muito!



Capítulo

10

*Se gostares de ouvir,
aprenderás;
se deres ouvido,
serás sábio.*

Eclesiástico, 6-33

Durante o dia foi chegando o pessoal da imprensa: as tevês CNT (do Paraná), as repetidoras do SBT e da Globo (de Varginha), a própria Globo do Rio de Janeiro; jornais *Estado de Minas*, *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte; *Correio do Sul* e *Rádio Vanguarda*, ambos de Varginha, e várias rádios FMs do Sul de Minas. Enorme quantidade de profissionais e ufólogos, se achegando ao auditório que, se antes era pequeno, menor se tornara naquele dia.

Pela primeira vez, na frente das câmeras e dos microfones, fomos relatando com vagareza de pormenores a seqüência por nós pesquisada.

Citamos o nome de dona Terezinha Clepf por autorização dela e dos familiares. Mencionamos o caso das duas senhoras indo de carro para São Gonçalo do Sapucaí e que foram seguidas por um objeto voador. O dentista, que teve seu carro seguido por um objeto voador luminoso quando ia para o consultório em Três Corações, numa estrada vicinal, e tendo problemas com o carro. Por sinal achava-se presente no auditório. Não autorizou que seu nome fosse mencionado, e

nem que a sua imagem fosse gravada; a não ser que tivessem – rosto e voz – distorcidos eletronicamente. Mas, com fidelidade, narrou o que lhe ocorrera, descrevendo o objeto e comentando seu pânico. Também citamos a morte dos animais no zoológico, com o depoimento da doutora Leila Cabral e do doutor Marcos.

Uns dos militares com quem estive conversando em casa de minha mãe, sabendo da retirada da *criatura* do Hospital Humanitas – cuja fala não pude gravar no momento, até então não havia conseguido que ele depusesse, embora eu lhe dissesse nas vezes em que nos víamos sobre a importância da mesma, alegando que a gravação seria uma segurança para ele próprio, no caso de vir acontecer algo que o prejudicasse: alguma penalidade no quartel, ou na Justiça, ou até seu desaparecimento de uma hora para outra. Assim, ele gravando tudo o que me contara, teríamos como provar o episódio e culparíamos quem ou aquele promotor da acusação. Repetia isso para ele todas as vezes que nos encontrávamos. Da última, na sexta-feira, ao nos vermos casualmente, contei da reunião que aconteceria no dia seguinte, na parte da tarde, com a presença dos maiores ufólogos nacionais, além da imprensa.

No meio da reunião, exatamente quando Ubirajara e eu explanávamos como estávamos procedendo em algumas situações amparadas nas nossas pesquisas, Angélica, nossa fiel escudeira, surgiu no auditório dando sinal para mim que alguém ao telefone precisava falar comigo. Discretamente afastei-me ante alguns olhares desconfiados e fui atender, deixando que Ubirajara prosseguisse sozinho. Era o militar se prontificando a gravar. Estava no trevo de Três Corações e sugeri



Na reunião histórica do dia 04 de maio, momento em que o pesquisador Vitorio Pacaccini anuncia os nomes dos militares



que imediatamente pegasse o primeiro ônibus e, ao chegar à rodoviária de Varginha, fizesse outra ligação, que eu iria buscá-lo. Sabendo que a viagem duraria trinta minutos ou menos, retornei para a reunião como se nada estivesse acontecendo, mas avisando a Angélica de que haveria um novo telefonema de alguém na rodoviária. E continuamos as explanações de modo calmo e metucioso para que todos pudessem compreender o que de fato havia acontecido após o avistamento da *criatura* pelas meninas.

Quando a Angélica retornou com o aviso de novo telefonema, discretamente pedi ao Marco Antônio Petit para ajudar-me. Não chamei o Claudeir nem o Ubirajara, porque o primeiro estava terminando de revisar o manifesto que iríamos apresentar no final da reunião e o Ubirajara, porque estava com a palavra naquele momento. Fomos saindo devagar do auditório e isso chamou a atenção de todos porque, de repente, para eles, algo de estranho acontecia com a nossa retirada, ainda mais porque era eu quem estivera com a palavra e tive de chamar o Ubirajara para prosseguir. Mas o Luís Petry, olhando a nossa movimentação veio saber do que se tratava. Argumentei a necessidade de ausentar-me por instantes, amenizando a sua curiosidade. Isto porque embora o Petry, além do Claudeir e Ubirajara já tivessem sido apresentados a ele por meu intermédio, nenhum deles poderia ir comigo para não criar grandes suspeitas. Docu-me ter de mentir para o Petry – logo a ele, que estava nos apoiando há tempos e porque também o militar não queria ninguém da imprensa, se confiava somente em mim. Mas eu tinha certeza do Petry compreender a situação posteriormente.



Detalhe dos repórteres e câmeras na cobertura da reunião

No bagageiro do carro estava a filmadora, mas eu, sozinho, não conseguiria fazer a filmagem do militar ao mesmo tempo em que teria de perguntar-lhe alguns pormenores pertinentes a sua narrativa. Expliquei ao Marco Antônio Petit enquanto nos dirigíamos para a rodoviária sobre a tarefa a cumprir naquele momento. Encontramos-nos com o militar e seguimos com ele para a casa vazia onde morava o pai do Ubirajara, próxima ao escritório dele. No quintal, junto a uma parede, armei o tripé, fixando a filmadora e pedi ao Marco Antonio que ajustasse o foco e começasse a gravar. Sentei-me ao lado do militar, disse meu nome, o dele, a hora e o dia. A partir daí, e durante trinta minutos, ao vivo e em cores, testemunhamos uma das mais incríveis narrativas de que se tem conhecimento na Ufologia brasileira. Vez ou outra olhava para o Marco Antonio admirado – embora o que escutava já tivéssemos contado a ele quando fomos ao Rio de Janeiro. Muito diferente, sim, não há dúvida, ouvir de um terceiro um fato e, pessoalmente escutá-lo por quem estava fazendo a história!

Terminada a gravação levamos o militar para a rodoviária, com ele a nos dizer de outro companheiro seu, também da ESA, disposto a nos revelar lances do caso. Apenas tomaria coragem e, sem pressa, entraria em contato comigo. Retornamos ao calor da reunião, com todos já desconfiados de nossa retirada. Retomei a narrativa do ponto em que o Ubirajara estava: contando casos de objetos voadores em várias regiões do Sul de Minas. E o pessoal voltou a se acomodar nas cadeiras para escutar-me. Em seguida o Claudeir apresentou o Manifesto dos Ufólogos. E quando mencionei os nomes dos militares envolvidos maior foi a surpresa entre os presentes no auditório. Discorri sobre a operação-captura, comandada pelo major Maciel, do Corpo de Bombeiros de Varginha, no sábado, dia 20 de janeiro, e de uma segunda operação para retirar uma segunda *criatura* no Hospital Humanitas, dia 22, segunda-feira, comandada pelo tenente-coronel Olímpio Vanderlei, com a participação do tenente Tibério, do capitão Ramirez, do sargento Pedrosa, tendo sido enviado um comboio da ESA, sendo os motoristas dos caminhões o cabo Vassalo e os soldados De Mello e Cirilo. Informações nos chegaram de que fora na parte da manhã, quando estiveram estacio-



Imagem cedida à revista ISTOË (1390 - 25.5.96) em que o militar teve a sua aparência eletronicamente alterada



nados defronte do Supermercado Paes Mendonça, retornando a Três Corações na hora do almoço. Em nossa avaliação é porque a *criatura* dentro do Hospital Humanitas ainda não estava "pronta para a viagem". Daí o motivo do comboio ter voltado na parte da tarde; tempo suficiente para as providências de "arrumação" entre o Exército e a direção do hospital. Mencionamos o fato de, na parte da tarde, ao invés de estar no comboio o soldado Cirilo, foi o cabo Elber. Nesta hora, confesso inesquecível aquele silêncio no auditório, observando que muitos dos presentes estavam surpresos diante de minha coragem em citar os nomes dos militares e, ao mesmo tempo, tensos e temerosos na expectativa de que a qualquer momento viesse o Exército a invadir o recinto - como se estivéssemos na barbárie dos anos da ditadura - distribuindo pancadas de cacetetes em todos, esquecidos, naturalmente, de que o Brasil hoje é um país passado a limpo. Sugeri que retomassem a calma, ainda que aparente, e voltássemos ao assunto em pauta, alegando que das simples exposições das ocorrências, tínhamos naquele momento a comprovação oficial de que nada estava além da verdade absoluta!

Lembrei-me dos meus tantos anos envolvidos na pesquisa ufológica, das viagens a campo, das noites frias em que estivera atento a perscrutar a quietude da escuridão na perspectiva de algum fenômeno que pudesse acontecer ou não; das entrevistas frustradas e das que foram positivas; das gravações feitas com inúmeros depoimentos de testemunhas; das fotografias tiradas; dos relatórios preenchidos para o CICOANI e que iam diretamente para o arquivo e tornando-se parte de um acervo de onde não sairia dali para o proveito de mais ninguém. E, mais uma vez, compreendi que a Ufologia deve e tem de ser atuante mas, ao mesmo tempo, companheira e participativa.



Alguns dos ufólogos presentes à reunião

Tirando-me de meus pensamentos melancólicos num momento de júbilo, o Petry veio falar comigo. Compreendeu o que houve e sorria. Disse-me que o terceiro *Fantástico* seria um arrasão! Afinal de contas era a primeira vez que um programa desta grandeza, atingindo todo o território nacional, por três vezes levaria ao ar um documentário sobre o mesmo assunto. Isto não ocorreria se nós não tivéssemos apresentado a ele e aos demais profissionais de toda a imprensa, dados plausíveis e incontestáveis para que eles pudessem exercer seus trabalhos nesta oportunidade sem melindres e receios de errarem ao enfatizar sobre as *criaturas* do espaço em Varginha.

No momento em que o Ubirajara falava à platéia, além de outros ufólogos que também teciam comentários alusivos à *criatura*, fui a casa de dona Luísa para buscá-la e as meninas, neste encontro previamente combinado. Ao chegarmos, ainda na rua, a imprensa se retirou do auditório, vindo nos receber num tumulto indescritível. Câmaras ligadas, repórteres fazendo perguntas e eu tentando protegê-las. Embora eu procurasse explicar a eles que a entrevista seria no auditório, ainda assim houve alguns repórteres a discutir comigo o quanto eu estava atrapalhando. Não dei caso e fui conduzindo dona Luísa e a meninas.

— Gente, elas vieram aqui para falar com vocês! Lá dentro é melhor! A custo concordaram e nos seguiram.



Liliane, Valquíria e dona Luísa explicando a tentativa de suborno



Dona Luísa descreveu a visita dos quatro homens à sua casa. Disse do suborno e do quanto ela não iria curvar-se àquela vergonha. E as meninas – mais uma vez – voltaram a repetir tudo o que viram, acrescentando comentários sobre as críticas, as ironias e as afrontas de que estavam sendo vítimas por parte de muitas pessoas da cidade, ansiosas por macularem uma verdade insofismável.

Ao finalizar as entrevistas e depoimentos, os ufólogos presentes acharam por bem e oportuno a divulgação de um manifesto – o primeiro e único da Ufologia brasileira – em que tornava histórico o apoio de vários Grupos se unindo ao *caso Varginha*. Jamais ocorrera tal sincera manifestação por parte dos pesquisadores. Saíam eles de seus casulos, espontaneamente, para abrirem as asas na intenção de que a Ufologia voasse alto no sentido de dar compreensão àquelas muitas pessoas ainda hoje acreditando em farsa, mentira, fantasia de grupo carnavalesco... e a outras mais, julgando apenas ser necessidade de alguns querendo aparecer na mídia. Mas, temos certeza, milhões de brasileiros acreditando – como nós nunca duvidamos –, que o acontecido em Varginha, por seu ineditismo e veracidade, era sério demais para bastar-se em apenas notícias de jornais e luzes de TVs.

MANIFESTO DOS UFÓLOGOS BRASILEIROS



Claudeir Covo lendo o Manifesto

Os ufólogos brasileiros, abaixo representados pelos reconhecidos grupos de pesquisa a que pertencem, após mais de três meses de intensas investigações, bem como comparações de informações de diversas ordens, não têm mais a menor dúvida de que ocorreu em Varginha, Minas Gerais, nos dias 20 e imediatamente seguintes do mês de janeiro do corrente ano de 1996, uma verdadeira e complexa operação, envolvendo autoridades militares e profissionais civis, que resultou na captura de *criaturas* não classificadas biologicamente, paracientificamente, chamadas de *EBEs* (*Entidades Biológicas Extraterrestres*), as quais foram mantidas sob observação médica e posteriormente retiradas da cidade.

Este é um fato único no Brasil, cuja confirmação pode trazer inavaliáveis e incomensuráveis conhecimentos científicos, quicã positivos impactos de ordem filosófica e cultural de proporções gigantescas. No entanto, é consenso entre os ufólogos de todo o planeta que existe claramente um processo mundial de acobertamento e desinformação de fatos desse tipo, sendo conhecidas as evidências incontestáveis de tal procedimento, cujas razões são inúmeras e óbvias. A Ufologia e estudos afins vêm lutando há mais de cinquenta anos para que a informação real e o reconhecimento público de tais eventos aconteçam, pois o direito à verdade é uma das principais metas de toda a Humanidade.

Se você foi testemunha direta ou indireta dos acontecimentos de Varginha, que vêm agora repercutindo praticamente em todo o mundo, por favor procure-nos para ajudar no esclarecimento definitivo deles, que significam uma aquisição espetacular e marcante na História. O sigilo absoluto será mantido, em conjunto com pesquisadores, colaboradores e responsáveis membros da imprensa, que se encontram unidos e buscando o momento certo para a revelação de tudo, de forma sóbria e convincente.

Nossos telefones de contato serão fornecidos através do número (035) 222-1020, em Varginha – MG.

A. J. Gevaerd
Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)
Campo Grande – MS

Claudeir Covo
Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INFA)
São Paulo / SP

Edison Boaventura Júnior e Jamil Vila Nova
Grupo Ufológico do Guarujá (GUG)
Guarujá / SP

Irene Granchi
Centro de Investigação sobre a Natureza dos Extraterrestres (CISNE)
Rio de Janeiro / RJ

Marco Antonio Petit de Castro
Associação Fluminense de Pesquisas Ufológicas (AFEU)
Niterói / RJ

Marco Antônio Rodrigues Silva
Grupo de Estudos de Objetos Não Identificados (GEONI)
São Paulo / SP

Osvaldo e Eduardo Mondini
Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas (CEPEX)
Sumaré / SP



Rafael Cury
Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil (ANUB)
Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU)
Curitiba / PR

Ubirajara Franco Rodrigues
Varginha / MG

Vitório Pacaccini
Centro de Investigação Civil de Objetos Não Identificados (CICOANI) (*)
Belo Horizonte / MG

A noite retornei a Três Corações num cansaço indescritível, mesmo sabendo que no dia seguinte, domingo, teria de estar novamente com o Ubirajara e o Petry, porque este estaria retornando ao Rio de Janeiro levando bastante matéria para preparar com calma, durante a semana, o programa *Fantástico*, que iria ao ar no dia 12 de maio.

No início da semana fui procurado pelo outro militar da ESA que havia sido mencionado pelo seu companheiro militar, também da ESA, e cujo Marco Antonio Petit e eu havíamos gravado no momento em que estava havendo a reunião com os ufólogos. Marcamos um encontro em local secreto e, a noite, levei-o de carro para Varginha, quando tive a oportunidade de apresentá-lo ao Ubirajara e à Angélica. Mas o Ubirajara teve de se ausentar porque estava no horário de dar aula na Faculdade de Administração de Varginha onde, como professor, tinha este compromisso algumas noites da semana.

Fui com ele para o escritório dentro de casa. Ali procedemos à gravação, quando ele, além de complementar o já mencionado pelo outro colega de farda, relatou que o comando da operação-captura estivera a cargo do tenente-coronel Olimpio Vanderlei, que esteve no Hospital Humanitas; quando o comboio retirou a *criatura* dali. E mais: confirmou a movimentação do comboio, os horários, e as pessoas envolvidas.

Terminada a gravação senti o quanto ele ainda estava nervoso, mas certo de que poderia confiar em mim para sempre. Levei-o de volta a Três Corações e fui para a casa de minha mãe. No meu quarto de janela aberta, estirei-me na cama a contemplar a noite, lá fora, prosseguindo lenta e fria – com os seus silêncios e escuros misteriosos.

— Segunda-feira! – disse a mim mesmo.

E outra semana estava apenas começando!

118

(*) Pertencente ao CICOANI até aquela ocasião, estando hoje efetuando pesquisas independentes.

Vincentas teorias caírem
diante dos fatos,
mas não vi um só fato
cair diante
de uma teoria.

Francesco Severi

Capítulo

11

No correr da semana foi terrível para nós o volume de telefonemas recebidos. Os jornais publicaram fotos e entrevistas. As TVs deram destaques em seus noticiários. E o terceiro *Fantástico* foi ao ar no domingo, dia 12 de maio.

Novos e impressionantes relatos nos foram confessados.

E isso nos leva cada vez mais à reflexão sobre a urgente necessidade de uma consciência maior por parte dos Grupos Ufológicos, que é a de trazerem a público – com absoluta clareza e simplicidade – o resultado de suas pesquisas e trabalhos de campo, limitando urgentemente o espaço hoje invadido por inúmeros embromadores que promovem cursos e palestras a preços extorsivos, dizendo-se *contatados por alienígenas* (e dá-se a *eles* uns nomes estranhos) mas que fugiriam até da cidade caso fosse necessária a comprovação de todo o mencionado. Mais: tendo ganho *poderes mágicos e extra-sensoriais*, se arrogam o direito de poder modificar as vidas das pessoas incautas (as mesmas interessadas no assunto, mas que não têm grupo nenhum a que recorrer...), delas fazendo ricas disso-c-



daquilo, e por este-ou-outro-motivo torná-las confiantes de suas grandezas espirituais, etc. A tudo isto, soma-se, nos falsos *amigos dos ETs*, a mentira maior quando mencionam terem sido abduzidos e viajados em maravilhosas naves rumo ao não-sei-onde... para melhor aplicarem seus *conhecimentos* – adquiridos através das *mensagens extraordinárias*... os seus próprios resultados pecuniários, isto sim, no *retorno financeiro* da pilantragem!

Pelo que sabemos – e podemos provar – é da existência de pessoas que, estas sim, foram de fato abduzidas; viajaram em vários tipos de naves; tiveram contatos diretos e até sexuais com extraterrestres. Mas estas mesmas pessoas ainda hoje se acanham ao revelar os fatos, justamente por estarem desprotegidas e com o medo natural de ser molestadas. As que têm coragem e se animam a depor, fazem isto com honradez e brio, nunca com o apanágio da superioridade e grandezas de tais *privilégios*. Ainda assim, jamais cobrando de qualquer platéia os seus depoimentos.

Então, que os Grupos Ufológicos e a maioria de seus membros resolvam – doravante – descer de seus pedestais e afastem-se, ao menos vez por outra, de seus arquivos pessoais, e tragam suas pesquisas a público... em palestras e conferências, em que o espírito investigador seja maior do que a vaidade humana!

Uma pessoa nos ligou pedindo se poderia ir ao nosso encontro à noite. No horário apazado, chegou. Veio acompanhada de uma outra. Ambas aparentavam ter de quarenta e cinco a cinquenta anos. Identificaram-se e pediram sigilo de seus nomes sobre o que iriam mencionar. E um deles contou de um conhecido seu ter dado carona a um militar, quando o mesmo comentou a verdade de todo o ocorrido com a *criatura*, pois sabia de pormenores de sua captura desde o mês de março, mas estava receoso de contar a alguém que não fosse de absoluta confiança. Como o nosso nome estava diretamente ligado à *criatura* através de nossas pesquisas e a seriedade com que trabalhávamos na elucidação melhor possível do caso, eles nos procuraram porque haviam conversado com um conhecido de um determinado militar e não havia mais nenhum impedimento para que fosse contatado. Deu-nos os nomes deles e, a partir daí, começamos a estudar um meio de nos aproximarmos, pois eles não sabiam onde moravam os dois cidadãos.

No dia seguinte, pedi a uma conhecida minha que fizesse um contato telefônico no serviço de um deles, com uma desculpa qualquer, na intenção de conseguir seu endereço. E deu certo! De posse do mesmo, em Varginha confirmei o local e, por oito vezes, estive a procurá-lo na residência, não logrando êxito devido à incerteza de horário com que retornava para casa.

Finalmente encontrei-o e atendeu-me no portão de casa. Mas, ao verme e saber quem eu era, não quis alongar conversa comigo nem dentro de casa nem perto, muito menos na porta, por causa da vizinhança. Alegou que eu era uma pessoa conhecida e isso chamaria a atenção de quem o visse comigo. Combinamos um local tranquilo e seguimos em separado para lá. Estava à paisana e procurou ser o mais discreto possível. Conversamos amenidades enquanto eu tentava sentir, por parte dele, se realmente havia o que dizer em relação a qualquer fato ligado ao conhecimento direto sobre a *criatura*. Depois, então, marcaríamos um outro local para o segundo encontro. Eu levaria o Ubirajara para conhecê-lo..

Mas ele se dispôs a contar a respeito da *criatura* avistada pelas meninas na tarde do dia 20 de janeiro, e do que realmente havia acontecido após a operação-captura, confirmando que o alto comando da PM estava envolvido. Aconteceu naquele mesmo dia 20, à noite, com a participação de elementos à paisana, usando carros civis – os P2, do serviço secreto da PM e os B2, do serviço secreto do Corpo de Bombeiros.

Com mais esta afirmação, maior certeza tivemos da veracidade do fato, porque já havíamos colhido informações de uma autoridade judicial que nos contara a mesma história. No entanto, desde aquela ocasião estivera circulando pela cidade o boato de um militar morto no envolvimento com a *criatura*. Na época não demos atenção ao fato porque tínhamos de nos assegurar primeiro da verdade sobre a *criatura* – e o que fizeram com ela – para, depois sim, e o que estávamos fazendo nos meses subseqüentes, ir ao encalço das testemunhas e seus depoimentos, para chegar a uma compreensão final em relação ao que de fato ocorrera.

E essa testemunha de agora confirmou que um P2 (do serviço secreto da Polícia Militar de Varginha), participante da captura, havia falecido de infecção generalizada. Confesso haver ficado surpreso com a informação, porque aquele primeiro rumor estava se consubstanciando naquele momento. Além disso, ao mencionar a captura na noite do dia 20 de janeiro, após a chuva de granizo que ocorrera com enorme tumulto na vida de muitos, com casas destelhadas, muros derrubados, pessoas precisando de socorro. E ele estava mencionando uma segunda captura – se sabemos que a primeira ocorrera na parte da manhã e com o envolvimento do Corpo de Bombeiros, tendo o Exército levado esta *criatura* para a ESA. Daí, o porquê desta segunda captura ter passado despercebida, sendo noite e com a outra *criatura* escondida num terreno baldio do bairro Jardim Andere, próximo ao local onde as meninas avistaram-na à tarde, estando os militares em traje de civil com carros de passeio.

Ainda um tanto chocado com a confirmação da morte do militar, pedi a ele que me desse maiores informações. Alegou que provavelmente a vítima tenha entrado em contato direto com a *criatura*, vindo a falecer poucos dias depois com infecção generalizada, atribuindo isso, em função dos comentários dos colegas de



trabalho de que fora motivada por alguma coisa vinda da *criatura*, ou algum tipo de germe, ou vírus, ou algum microorganismo que faz parte da sua composição genética mas, para nós, humanos, totalmente letal. No momento, recordei dos animais do Zoológico, mortos de maneira surpreendente.

Naquela altura da nossa conversa surgiu um dado complementar que, pela primeira vez, me surpreendeu: o militar continuaria contando mais detalhes se entrasse dinheiro pelas informações. E quanto mais eu insistia em que ele prosseguisse dizendo sobre a morte do militar ou mesmo sobre a captura, mais ele demonstrava conhecimento do caso citando partes. Mas, para revelá-las havia um preço a ser pago, alegando necessidade de saldar compromissos vencidos, aquela era a oportunidade dele, sugerindo, inclusive, marcar um segundo encontro nosso. No entanto até ali confirmava que realmente a operação-captura ocorreu, tendo havido comunicação entre a PM de Varginha com o alto comando da PM de Belo Horizonte.

Disse-lhe das informações que passava a mim serem extremamente importantes mas que eu precisava levá-las ao conhecimento de meu companheiro de pesquisas. E que eu gostaria sim, de num próximo encontro, contar com a presença de Ubirajara junto comigo. Não fez objeção, como se o caso *Varginha* não lhe dissesse respeito. Sabia de tudo ser sigiloso mas, para ele, ciente através de seu comando de que era segredo absoluto, pouco se importava, pois nada daquilo lhe dizia respeito. Marcamos novo encontro para o dia seguinte, à 1h da madrugada, num local pré-determinado.

Retornei ao escritório do Ubirajara. Esperei-o e contei-lhe tudo. Num misto de surpresa e tristeza pela morte do militar, passamos a fazer várias indagações a nós mesmos:

Se a *criatura* tinha algum microorganismo letal para a raça humana, os médicos, paramédicos e enfermeiros do hospital Humanitas já estavam cientes do militar infectado e, por este motivo, estavam usando máscaras cirúrgicas? Ou foi devido ao mau cheiro exalado? Mas a máscara cirúrgica protege contra mau cheiro?

Se verdadeiro o motivo da contaminação, os militares agiram silenciosos nas capturas, somente no intuito de proteger a população do pânico e, principalmente, dos curiosos por desejarem uma aproximação sem saberem do perigo eminente do contágio?

Também, em sendo este o motivo verdadeiro, nós - em nosso trabalho de pesquisa e divulgação dos fatos - não estaríamos prejudicando o empenho dos militares em guardar tamanho segredo?

Mas, independentemente do perigo, a investigação ufológica existe na sua concepção maior exatamente para trazer a público a compreensão dos fenô-

menos se, ao mesmo tempo - no caso específico de Varginha -, ir a fundo na questão de quantas *criaturas* afinal poderiam existir, se de duas delas já sabíamos: a que fora capturada na manhã do dia 20 de janeiro, e a que fora avistada na parte da tarde pelas meninas.

Entendemos que a população de um modo geral deveria ficar sabendo sim, mas até onde estaríamos entrando em assunto de segurança nacional? Teríamos chegado a esse ponto?

Ao mesmo tempo, não pertence a nós, humanos, o direito de conhecer a verdade dos fatos, ainda que contados pelos militares, no sentido de nos acautelarmos se estivermos em algum perigo iminente? Ou eles estarão suficientemente armados para dar conta do imprevisível?

No dia seguinte, um pouco antes da meia-noite, saímos de carro ao encontro do militar à nossa espera no local combinado. Entrou no carro, sentando-se no banco de trás. E ficamos a rodar por ruas desertas àquela hora conversando amenidades. Mas, porque a noite estava muito fria, retornamos ao escritório. Ali, de novo, as indagações para com ele.

No entanto alegava que o soldo de militar era pequeno e estava necessitado de dinheiro. Justificou, também, que as informações em nosso poder valeriam muito, porque certamente iríamos vendê-las para a imprensa e tevê. Sem nenhum constrangimento, pediu-nos R\$ 3 mil. Explicamos que sempre foram a expensas de nós mesmos a cobertura das despesas com relação a gastos de gasolina para viagens, contas telefônicas, alimentação, e tantos outros, além da quebra da rotina de nosso trabalho profissional, tudo em função da pesquisa ufológica jamais remunerada. Pelo contrário, sempre nos pesando tal ônus a arcar em benefício de um objetivo: o de trazer a público informações corretas sobre o acontecido em Varginha, em que pesassem todas as despesas por nossa conta e risco.

Por outro lado deixamos transparecer a ele o quanto já sabíamos, alegando a possibilidade de até ocorrerem coincidências de informações. No entanto confessamos a nossa surpresa com a notícia da morte do militar, tida até então como mais um dos inúmeros boatos.

No meu íntimo e no de Ubirajara, não pagariamos. Mas também não iríamos dizer a ele, pelo menos naquele momento. Tentariamos contactá-lo num futuro próximo possível.

Conversamos mais um pouco, prometendo um novo encontro. E, ao deixá-lo próximo da casa dele, e devido ao avançado da hora, levei Ubirajara para casa, seguindo viagem rumo a Três Corações.



Dos dois senhores que nos haviam procurado à noite na casa do Ubirajara, aparentando 45 a 50 anos, um disse conhecer um amigo que deu carona a um militar. Este militar é o dos R\$ 3 mil em dinheiro. O outro contou-nos um fato muito importante, dito pela irmã dele, residente em Alfenas, cuja empregada doméstica, "Dagmar", tem uma filha, "Lindaure", trabalhando na casa de um militar em Varginha.

Um dia, ela telefonou para a mãe, em Alfenas, muito nervosa e agitada, para contar que, ao fazer o serviço normal de faxina, viu o patrão-militar reunido na sala com outros dois ou três amigos também militares. Ao fazer o serviço nos quartos, de um deles, por curiosidade deu uma olhada pela fresta da porta no que eles estavam assistindo na televisão. Era um vídeo mostrando duas *criaturas*, que ela imediatamente associou serem as mesmas já comentadíssimas na cidade e mencionadas nos jornais e tevês. Segundo a explicação da "Lindaure", eram duas *criaturas* horripáveis, onde uma parecia estar numa espécie de tanque cheio de água e comia uma fruta. A outra, deitada noutro tanque com água, parecia morta porque não se mexia. Contou para a mãe, nem haver dormido à noite de tanto pavor. "Dagmar" recomendou que se aquietasse, guardando segredo, pois estava em casa de militar, e sabendo de coisa onde não fora chamada, corria o risco de ser mandada embora, ainda mais bisbilhotando a vida dos patrões. Mas, ao mesmo tempo, conversou com a patroa - irmã desse senhor que nos contava isso.

A princípio pode parecer confuso esse vaivém de pessoas aqui não identificadas. No entanto, como é necessário preservar as nossas testemunhas, cremos estar sendo compreendidos no esforço de trazer a público o resultado dos nossos trabalhos de pesquisas, procurando elucidar como ocorreu, de verdade, todo o emaranhado do *incidente em Varginha* e sua trama para a elucidação dos fatos. A paciência e a curiosidade sempre foram os principais requisitos de um ufólogo, se são nas trilhas das pesquisas que o árduo caminho pode ir aos poucos tornando-se numa avenida de completo entendimento. A tudo isso soma-se o fato de não estarmos querendo provar a existência de extraterrestres e de seus objetos voadores. Jamais coube à Ufologia provar isso. A nossa intenção é mostrar que se não fosse exatamente o emaranhado do disse-que-disse, do ouvi-contar e de-alguém-que-conhece-alguém - devido ao medo individual do ridículo -, não conseguiríamos descortinar o horizonte dos fatos para todas as pessoas, desejosos por fazê-las entender a necessidade de nos prepararmos melhor psicologicamente para compreendermos certos fenômenos que vêm ocorrendo neste mundo de que fazemos parte.

Fomos a Alfenas e entramos em contato com a "Dagmar", mãe da "Lindaure" - testemunha ocular da existência do vídeo com as *criaturas*. Mas ela se esquivou de todas as maneiras quando pedi que a filha nos desse seu testemunho.

— De jeito nenhum, doutor. Minha filha trabalha em casa de patrão militar e mexer com esse povo de farda a gente tem muito medo. Ai ela perde o emprego e ainda leva um castigo pra rua. O senhor me desculpa, mas não vou deixar ela falar com o senhor, não. De jeito maneira! Melhor mesmo é ela esquecer essas doiduras de ter avistado uns monstrinhos e o doutor nem lembrar que veio aqui.

Arredou-se da porta trancando-a por dentro, deixando-nos - Ubirajara e eu - do lado de fora. Preferimos recuar. Admoestá-las seria terminar com a possibilidade, quem sabe, da moça, um outro dia, resolver contar?

Apesar disso tínhamos conseguido muitas informações com mais testemunhas envolvidas e novas narrativas.



Capítulo

12

Sobre os UFOs
nós levamos muito a sério.
Não temos outra alternativa,
pois já perdemos muitos
homens ao tentarmos
interceptá-los.

Gal. Benjamin Childlaw
Chefe da Defesa Aérea
Continental dos EUA

No dia 6 de maio, segunda-feira, recebemos um telefonema da psicanalista doutora Gilda Moura, com quem estivéramos, Ubirajara, Luis Petry, a professora Irene Granchi e eu, no jantar após a nossa palestra no Rio de Janeiro, promovida pelo grupo CISNE. Dizia-se desejosa de deslocar-se para o Sul de Minas na intenção de inteirar-se melhor sobre o desenrolar do incidente em Varginha. E anunciou a vinda de seu amigo, o doutor John E. Mack – PhD em Psiquiatria pela Universidade de Harvard, onde ali também exerce o magistério – chegando ao Rio de Janeiro, encontrando-se com ela e rumando depois para Varginha.

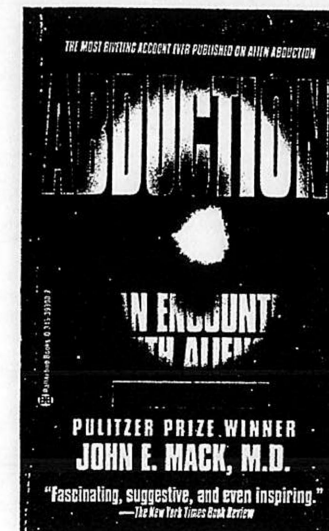
Foi um regozijo da nossa parte e um imensurável apoio que recebíamos, pois a doutora Gilda vem desenvolvendo um excelente trabalho com pessoas que avistaram OVNIs ou seres estranhos, ou mesmo as que foram contactadas por eles. Através de entrevistas para melhor elucidação das ocorrências que de certa forma deixaram registros no subconsciente dos entrevistados, ou mesmo a regressão hipnótica como uma das técnicas médicas para dirimir dúvidas, sarar alucinações, conter o estresse emocional que ocorre em cada caso e em suas particularidades.

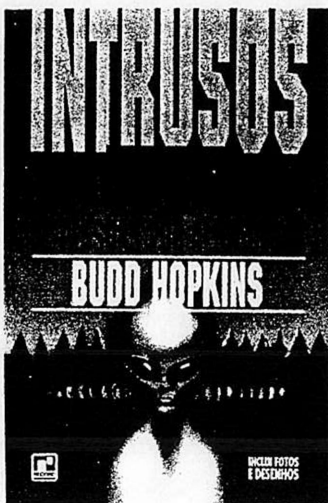
Enquanto o doutor John Mack (62 anos) procede do mesmo modo, acresce ao seu currículo profissional o profundo conhecimento e vivência em lidar com esses casos, o fato de ter escrito o livro *Abduction* (Abdução), além de consultor do filme *Intruders* (Intrusos), adaptação do romance homônimo de Budd Hopkins, 1982, EUA, direção de Dan Curtis, com Richard Crenna, Mare Winningham, Susan Blakely, Daphne Ashbrook, Ben Vereen, Steven Berkoff, Jason Beghe, G. D. Spradlin, narrando o pesadelo de duas mulheres de cidades diferentes, que em seus sonhos avistam seres estranhos entrando em suas casas através de portas e paredes, deixando-as completamente atordoadas.

E, passando algum tempo, o fato se repete e elas vêm as crianças assemelhadas a elas, mas híbridas – concebidas fora de seus úteros, mas com as suas características humanas. O médico, no filme, representa a pessoa do doutor John Mack que, nos Estados Unidos, já fez centenas de regressões com mulheres americanas abduzidas, seqüestradas, levadas para o interior de naves e molestadas com terríveis experiências para – tempos depois – de novo contactadas, deixarem-nas ver suas crianças fecundadas em seus óvulos, mas geradas em algum lugar do espaço com as mutações pertinentes aos autores das paternidades. Este tem sido o trabalho do renomado doutor John Mack, pronto a embarcar para o Brasil e encontrar-se conosco em Varginha.

A chegada dos dois foi acompanhada – como era de se esperar – pela imprensa. Porém, antes de darem entrevistas, pediram-nos que os colocássemos a par dos acontecimentos. E o fizemos, sendo eu intérprete para o doutor John Mack, embora a doutora Gilda Moura também tivesse o domínio do inglês, tendo realizado viagens aos Estados Unidos para cursos, congressos, palestras e conferências.

Sem revelar as fontes, repassamos com eles não só a seqüência dos fatos como também mostramos vídeos e fotografias. Em um quadro magnético no auditório, pude fazer um quase cronograma de datas e ocorrências. Em alguns momentos, quando dávamos pequenas pausas para um café ou água, o doutor John Mack queria saber a meu respeito e sobre a minha vida profissional. Sempre sorridente e irradiando toda a simpatia de um homem simples,





apesar dos tantos títulos conquistados. Juntamente com a doutora Gilda, estava impressionado e parabenizava-nos repetidas vezes pelo que até então havíamos conseguido apurar.

O restante da tarde passamos no auditório sendo os dois entrevistados pela *Rede Globo*, o *Estado de Minas*, o *Hoje em Dia* e outros veículos da imprensa, continuando eu a servir de intérprete.

Anoitecia quando fomos com eles à casa das meninas Liliane e Valquíria para que pudessem conhecê-las. Feitas as apresentações, e com a ausência de Kátia, pois não pôde comparecer por estar viajando, houve a solicitação por parte deles se poderia ser feita a regressão com elas. Com todo o respeito aos senhores psiquiatras, tanto eu quanto Ubirajara, achamos que não seria necessário. Alegamos que o simples fato delas terem avistado a *criatura* num átimo de tempo não acrescentaria nada de novo ao acontecido. Além do mais, mesmo podendo estarmos errados com o nosso argumento, mencionamos que independente das vontades dos doutores se algo de estranho ocorresse nas revelações das meninas quando em regressão (pois quem as vive traz à tona a causa-origem, re/vivendo-a), e se elas revelassem uma minúcia qualquer que não fosse inerente ao caso, seria desconfortável para elas e todos nós – com a imprensa presente – podendo, inclusive, criar um momento a contragosto e incidir até em razões jurídicas que Ubirajara



Doutor John Mack,
Liliane, Valquíria
e doutora Gilda Moura

muito bem a explicitou. Nós ficaríamos acanhados e a imprensa poderia veicular fatos que nada teriam com o que estávamos trabalhando. Bastasse portanto uma entrevista muito bem elaborada e minuciosa para colherem os elementos necessários, se nada mais ocorreria com as meninas além do noticiado avistamento sem aproximação ou envolvimento maior que tivesse causado danos insconscientes. De certo haveriam de encontrar uma outra forma para se assegurarem da veracidade da história contada por elas. Também, dona Luísa foi interrogada, mas não na mesma intensidade que as meninas, se o que contou foi sobre a tentativa do suborno, repetindo as idênticas palavras de sempre.

Em alguns momentos específicos, quando o doutor John Mack dirigia-se em tom quase coloquial à doutora Gilda, desviava meus olhos para algum ponto, mas tentava ouvi-los, porque estava compromissado com o meu parceiro de passar-lhe as informações, se desde a nossa conversa no auditório eu repetia o mesmo gesto: narrando para ele as perguntas e as respostas traduzidas.

Junto aos doutores, os jornalistas faziam perguntas. Muitas pessoas dentro de uma casa pequena e simples. Câmeras e holofotes com a imprensa querendo noticiar o encontro naquela noite, ainda. Claudeir Covo – retornando a Varginha para assistir a este encontro juntamente com Edson Boaventura e Jamil Vilanova – filmava os doutores, as meninas e a imprensa. Era para o nosso acervo. Estes nada comentavam. Também eu, prestando-me apenas às traduções necessárias,



O pesquisador
Vitório Pacaccini e o
doutor John Mack



Doutora Gilda Moura,
senhor Marcos Clepf
e dona Terezinha Clepf



assim como procedi quando de nosso encontro com Bob e Cynthia. Os doutores perguntando e as meninas respondendo. Ao dar-nos por satisfeitos, retornamos ao auditório e, mais uma vez, eles atenderam aos repórteres, julgando coerência nos relatos se – profissionais que são – naturalmente abalizaram olhares, expressões, faces vermelhas, acanhamentos, constrangimentos, além de observações técnicas e médicas para as quais jamais coube o nosso julgamento ou interpretação. Mas, cientificamente, deram um laudo favorável lamentando – mas compreendendo – a ausência da regressão tanto desejada que fosse feita.

A imprensa, mais uma vez, de posse destes resultados, divulgou o quanto estávamos no caminho certo de nossas pesquisas. Na dúvida, bastasse questionar o doutor John Mack, depositário de seu próprio nome, títulos e currículos na autenticação da verdade que ouvira, também afiançada pela doutora Gilda Moura. O próprio doutor John Mack disse: “— *Atesto em qualquer tribunal e coloco a minha cátedra de Harvard em jogo, se o que ouvi das testemunhas não é a pura verdade.*”

Demos aquela noite por encerrada e, na manhã seguinte, fomos fazer os trajetos para mostrar o local do avistamento da *criatura*, o muro, a mata, os hospitais Regional e Humanitas e, também, levá-los a conhecer dona Terezinha Clepf, senhora muito lúcida, cujo depoimento foi coerente com o que já se havia divulgado, acrescentando apenas que durante várias noites estivera possuída de muito medo, imaginando a *criatura* do Zoológico a espreitá-la através das frestas das portas e janelas.

Um encontro com Kátia, retornando de viagem, também houve, cujo procedimento de entrevista foi idêntico ao de Liliane e Valquiria.

Terminadas as entrevistas, retornamos para o auditório. Como era domingo, o *Fantástico* estaria no ar às 20h00 com o terceiro enfoque do *incidente em Varginha*. Preferi assistir a ele sem proceder às traduções, mas gravei-o. E, aí sim, pausadamente, cena por cena quase, pude deixar o doutor John Mack inteirar-se

da reunião, do manifesto, dos nomes dos militares no comboio, dos vários depoimentos e da tentativa de suborno.

Alguém ao telefone chamava-me. Era o “Sérgio”, cientista da Unicamp. Não me encontrando em Três Corações, procurou-me em Varginha. Confirmava a autópsia da *criatura* realizada pelo não menos famoso doutor Fortunato Badan Palhares. Este informante-cientista tivera a oportunidade de fazer suas sondagens em seu próprio local de trabalho, que é também dentro da Unicamp. Particularidades sobre isso nos passaria depois.

Ao relatar esta informação ao parceiro, os doutores John Mack e Gilda Moura queriam seguir viagem para lá no dia seguinte, perguntando-me se eu iria com eles e os deixaria em contato com o cientista. Tive a desagradável missão de desapontá-los ao justificar a impossibilidade, porque o “Sérgio” seria prejudicado se tomassem conhecimento deste contato por ser o doutor John Mack outro cientista de renome e conhecido mundialmente. Mais: argüentei sobre o envolvimento do Exército e que o meio científico brasileiro difere completamente do americano, porque todos aqui – principalmente os que estiveram ligados por modos diversos à *criatura*, estavam sob ordens militares de sigilo absoluto. E que a própria área científica, infelizmente, vivendo sob a tutela do governo não tem autonomia para seus trabalhos de pesquisas – ainda mais no caso em questão – onde o desmentido e o despiste seriam a tônica maior. Deixando isso bem claro, os doutores retornaram seus interesses ao nosso trabalho e aos fiéis depoimentos por mim contados a eles, mas prometi que, sempre quando possível, traria ao conhecimento de ambos mais informações; solicitando que fossem compreensivos com as maneiras de os ufólogos brasileiros trabalharem, tendo de enfrentar o medo das testemunhas e o sigilo dos militares.

Após a apresentação do *Fantástico*, na segunda-feira, dia 13, resolvemos nos ausentar de Varginha para evitar o tumulto que teríamos de enfrentar novamente. Fomos para Campinas – de onde nos chegavam informações ainda não concretas sobre a permanência das *criaturas* na Unicamp, porque possuíamos a certeza de que o comboio da ESA levaram-nas para lá.

Ainda na segunda-feira, por volta das 21h, o Rodolfo, filho de Ubirajara, ligou pelo celular noticiando que um informante meu estava avistando um OVNI a sobrevoar a cidade de Três Corações naquela noite e necessitava falar comigo. Que o informante aguardasse, pois entraria em contato com ele imediatamente. E soube de um objeto alongado que, por mais de uma hora, pairando sobre a cidade – visto por centenas de pessoas. Inclusive ele havia tentado filmá-lo mas, por inexperiência com a câmera, a imagem não ficara nítida. Não estava sendo possível a aproximação em *zoom*, porque a própria câmera era de poucos recursos. Sempre na tentativa de





aproximação, a imagem saía do foco. Dava apenas para se ter uma idéia do objeto piscando e trocando as cores das luzes. Agradei e desligamos.

— Parece até urucubaca! — disse ao Ubirajara. — Foi sair de lá e me aparece logo um OVNI sobre a minha cidade!

Ele riu, porque eu jamais avistei sequer uma luz estranha no céu. Nada de diferente que me levasse a crer fosse dos visitantes do espaço. Em toda a minha vida e nos dezoito anos de pesquisa ufológica, entrevistando pessoas, ouvindo histórias e relatos comprovados cientificamente sobre avistamentos, aterrissagem, abduções; acompanhando a veracidade do incidente em Varginha, jamais tive a oportunidade de ser testemunha ocular. Ironia da sorte, talvez. Por inúmeras vezes, como naquele momento, impliquei com as pessoas como fiz com o meu informante, por não haver conseguido a imagem perfeita de uma aparição formidável. Decerto nem as centenas de pessoas o tenham conseguido, porque é natural em cada um o susto e, ante a incerteza de ao buscar a filmadora ou a máquina fotográfica, perder aquele instante de encantamento ao vé-lo findar do mesmo modo como surgiu, sem um sinal prévio. No entanto, compreendo que, à maneira de cada um, gravava-se o acontecimento na retina dos olhos, na estupefata emoção e nos arquivos da memória. Deve ser, sim, um instante inesquecível.

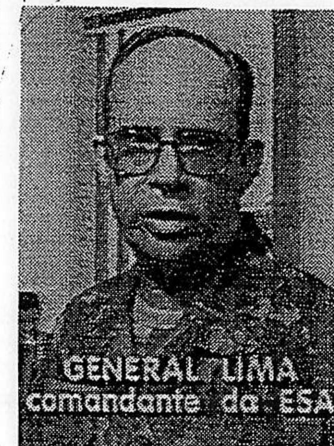
Naquela mesma ligação do Rodolfo, fomos avisados que a equipe de reportagens da revista *ISTO É* havia chegado a Varginha, aguardando o nosso retorno.

Passado esse período, a ESA foi muito citada no noticiário, com a sua imagem aparecendo e o assunto à solta pelo Sul de Minas. O general-de-brigada Sérgio Pedro Coelho Lima achou que era oportuno se manifestar. Mas quanto a isto cremos, com certeza, ter sido por ordem do alto comando de Brasília. Mandou um ofício para a imprensa do Sul de Minas (a de Varginha principalmente, pois em Três Corações não há o que se comparar em relação a ela, infelizmente). Rádios AM e FMs de todas as cidades próximas também receberam comunicação.

Fomos avisados por alguns jornalistas nossos amigos e no dia e hora aprazados todos se deslocaram para a ESA. A *Rádio Vanguarda de Varginha*, *Rede Globo*, *SBT*, *TV Educativa* — todas locais; repórteres da sucursal do *Estado de Minas*, do *Hoje em Dia* e vários representantes de inúmeros e pequenos jornais da região compareceram.

Com toda a pompa e circunstância, o general Coelho Lima procurou usar uma linguagem soberba para não ficar ostensiva e, ao mesmo tempo, para a imprensa ali reunida, a tudo julgar elegante; embora o seu propósito tenha sido o de xingar a todos. Disse que em relação aos fatos aludidos pela imprensa nada havia a declarar. Que a ESA sempre fora aberta a todos e que os boatos levantados sobre a corporação eram levianos, movidos por intenções ocultas com o propósito de denegrir e macular a conhecida e tradicional Escola de Sargentos das Armas de Três Corações. E que nenhum elemento ou material da escola teve qualquer relação com o assunto. Agradeceu a platéia e, retirando-se do recinto, deu por encerrada a coletiva, assim sem mais nem por quê. Houve um momento de silêncio perplexo entre todos. A coletiva marcada para que o general se manifestasse, ele o fez de maneira a ficar o dito pelo não dito. Em resumo, fora infeliz na sua, digamos, explanação se, primeiro, nada explanou e, segundo, já havia determinado a seus subordinados para noticiar a todos os presentes — e com antecedência — que não responderia a nenhuma pergunta. Ora, esta atitude era bastante típica daquelas autoridades forjadas nos quartéis que engendraram o golpe de 1964, fazendo-o como uma nuvem negra a soprar torturas e perseguições no horizonte brasileiro. Por este motivo vivemos asfixiados por mais de trinta anos. Mas, como nada é perfeito, amanheceu a democracia e os homens de bom senso acordaram na pátria amada.

A imprensa reunida no salão da ESA pretendia apenas ouvir a confirmação de uma verdade que todos sabiam. Não estava ali a oportunidade para contar tudo? A *criatura* que as meninas avistaram de fato não existiu? Também não foram capturadas pelo Exército? Se o general se predispusesse a usar sua benevolência em responder a algumas perguntas, se tivesse comportamento ameno e confirmasse a verdade, mesmo alegando fosse ela segredo mi-



General Lima Coelho, no momento da coletiva (foto capturada de vídeo)



litar – recurso tão comum e por demais sabido sobre acobertamentos em relação a este assunto em todos os países do mundo –, certamente não teria tido a oportunidade com que se preocupar desde o início com tantos boatos, celeumas e suposições.

Mas ao término do suposto discurso e antes de retirar-se para uma sala ao lado, foi inquirido por um repórter da EPTV, a repetidora da Globo de Varginha, que se adiantara do grupo.

— General! General! Onde é que estavam os militares citados pelo Pacaccini? O que eles estavam fazendo no dia da captura da criatura? E por que o comboio foi a Varginha?

Sisudo, e de modo ríspido, respondeu:

— Estavam trabalhando em prol do Exército e em benefício da Nação! – e virou as costas para sair.

O repórter insistiu:

— E o senhor tem como provar?

O general voltou-se tenso e circunspeto:

— Provar a quem?

— À imprensa! Não é ela que quer a prova dos fatos?

— Eu não tenho que provar nada. O que tinha de falar foi dito nesta nota. – Afastou-se do recinto, entrando na sala contígua, cuja porta um de seus subalternos fechou bruscamente.

No afastamento inesperado do general, os repórteres se convenceram de que realmente algo de extraordinário havia acontecido em Varginha. Quando retornaram às redações, aí sim, todo o Sul de Minas e o Brasil tomaram conhecimento das evasivas. Tive contatos com outros militares além daqueles cujos depoimentos havia gravado e a opinião deles fora que o general tinha “queimado o filme da ESA”. De modo algum ele deveria ter-se portado daquele modo. E se em alguma pessoa da região havia dúvidas sobre a criatura, estavam as mesmas sanadas definitivamente. Tudo fora consubstanciado num não a favor do sim! E os mesmos militares com quem pude conversar deixaram claro que se antes havia colegas da corporação nada sabendo ou os cientes cumprindo ordens de absoluto sigilo, e das especulações existentes; depois da coletiva, então sim, todos eles, indistintamente começaram a compreender a veracidade do fato.

Ora, abrir espaço na mente para “compreender” é causar um grande avanço em certas pessoas que sistematicamente opoem-se a tudo. De certa forma benéfica, estava causando resultados positivos a malfadada coletiva.

Sobre isto é interessante transcrever um texto escrito pela jornalista Rita Moraes, apenso num box da reportagem sobre o incidente em Varginha – da revista ISTOÊ (1390 – 22/5/96, pág. 129) – reportagem esta de que falaremos adi-

ante mas, por ser oportuno neste momento para fecharmos este tópico, adiantaremos o mencionado sobre “Um Mistério de Dez Anos”.

As autoridades militares do Brasil, ao menos publicamente, não costumam dedicar espaço em suas agendas para tratar de fenômenos ufológicos. Há exatos dez anos, porém, a Aeronáutica chegou a deslocar três caças F-5 e três Mirage III para sair em perseguição a supostos OVNI's (Objetos Voadores Não Identificados). A operação que mobilizou o sistema de defesa aérea do País foi desencadeada pelo coronel Ozires Silva. Em 19 de maio de 1986, logo depois de ser nomeado presidente da Petróbrás, o coronel voltava de Brasília a bordo de um avião Xingu e ao se aproximar da Base Aérea de São José dos Campos (SP) avistou alguns discos luminosos – também registrados pelos radares do avião. O próprio Ozires resolveu iniciar uma perseguição às tais luzes, enquanto acionava pelo rádio o Centro Integrado de Defesa Aérea. Depois de três horas, as luzes sumiram do mesmo modo que apareceram, misteriosamente.

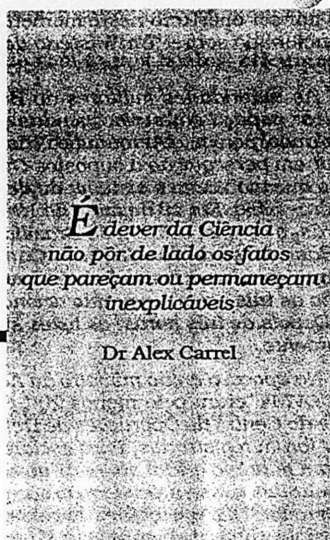
Na época, o então ministro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima, assegurou que os OVNI's “eram pelo menos 20.” O coronel aviador Ney Antunes Cerqueira, então chefe do Centro de Operações de Defesa Aérea, garantia, contudo, que apenas três OVNI's foram registrados. Para esclarecer o episódio, o brigadeiro Moreira Lima prometeu um relatório oficial sobre as investigações da Aeronáutica em 30 dias. Até hoje os resultados dessa investigação são guardados a sete chaves e poucos querem falar do assunto. “Não me lembro de coisas de dez anos atrás”, esquivou-se o coronel Cerqueira, hoje chefe do Serviço de Proteção ao Voo, em São Paulo. Outros, com melhor memória, evitam comentar o resultado das investigações. “Foi uma ocorrência excepcional, mas não chegamos a nenhuma explicação”, sustenta o brigadeiro Moreira Lima. Procurado por ISTOÊ, em São José dos Campos, onde mora, e em São Paulo, onde trabalha, o ex-ministro Ozires Silva não atendeu à reportagem. Apesar do silêncio oficial, os ufólogos não pretendem arquivar esse caso definitivamente. O episódio será tema de um livro, já em fase final, do presidente do Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INFA), Claudeir Covo. “Os cidadãos têm o direito de conhecer esse caso. Conto com a liberação do relatório da Aeronáutica para terminar o livro”, reivindica o ufólogo.

Claudeir Covo aguarda a liberação de um relatório! Mas quantos outros existem para serem liberados? Não questionamos a negatividade do general Coelho Lima, se isto faz parte do jogo Tom & Jerry, ou seja, militares versus ufólogos. Mas ao menos deixasse um porta-voz seu obscurecer o óbvio... em tom agradavelmente afável.



Capítulo

13



Terça-feira, às 12h00, chegamos a Varginha, vindos de Campinas, onde realizamos mais uma etapa do que pretendíamos em relação às nossas pesquisas. Acabávamos de entrar na casa de Ubirajara quando a empregada veio nos informar de um telefonema anônimo recebido na noite anterior. Era uma voz adulta, masculina, a nos ameaçar de morte, alegando estarmos indo longe demais e que a hora de pararmos com tudo havia chegado. Caso continuássemos, iríamos arcar com as consequências.

Refletimos sobre o fato e não ficamos sobressaltados nem receosos. Afinal, era esperado que cedo ou tarde, este tipo de comportamento poderia vir de alguém andando de mãos dadas com a covardia ou a inveja. Gente de mentalidade tacanha, miserável. Para mim, quem se comporta desta maneira imita os sepulcros caiados de brancos! Do lado de fora a representação da pureza, da inocência, da imagem imaculada mas, por dentro, a excreção, o podre, os vermes! Esse tipo de gentinha jamais me atemorizou porque, se não tem a coragem para se manifestar frente a frente; representa o papel de um zero à esquerda na sociedade e, menos ainda,

para mim. Argumentei que seria melhor tormarmos cuidado ao sairmos a campo para o trabalho dentro de Varginha, cidades circunvizinhas e pelas estradas de terra – pois estas, sim, seriam bem propícias à tocaia, ideais para quem se comporta sob o anonimato, pois jamais teria coragem de agir abertamente em público.

Após o almoço, recebemos a Luíza Villaméa – repórter de ISTOÉ e os fotógrafos Ricardo Giraldez e Carlos Fenerick. Não foi necessário dar todas as explicações, já que estavam a par dos acontecimentos. No entanto, desejavam ter acesso aos depoimentos dos militares, forçando-nos às velhas alegações do sigilo. Ouviram-nos atentos, com a Luíza, pacientemente fazendo anotações. Pediram-nos que lhes mostrássemos os locais dos avistamentos, das capturas, desejosos também de conhecer as meninas, a dona Terezinha Clepf e o casal Eurico e Oralina. O que esteve a nosso alcance fizemos para ajudá-los. Mas era pouco. Tocaram no assunto dos depoimentos dos militares e se era possível uma foto de um deles, alguma transcrição ou qualquer coisa que justificasse um "furo jornalístico". Ponderei com o meu parceiro, concluindo que seria possível sim, uma foto, desde que fosse alterada a imagem do rosto, para que ninguém o identificasse. Se isso ajudasse, fariamos. Concordaram e fomos ao nosso acervo. Pegamos uma fita de vídeo onde eu entrevistava um militar. Paramos a imagem em uma determinada cena e fizemos com que ela fosse modificada no computador através do efeito mosaico, tão comum hoje em dia no noticiário da televisão, principalmente quando enfocam menores em seus depoimentos. Imprimimos em cores, mas o rosto dele ainda era distinguível. Refizemos o processo, acrescentando aos mosaicos a alteração do cabelo, acrescentando costeletas e modificando a cor da camisa. Acertando a impressão desta vez, entregamos a Villaméa, cuja reprodução saiu impressa na revista.

Em todas as nossas conversas fizemos questão de expor a gravidade do que ocorrera na cidade e do quanto estava sendo importante a cobertura da imprensa, tornando o fato um marco na história da ufologia brasileira, porque jamais um assunto desta natureza teve capa de revista.

Como eles ficariam mais um dia em Varginha, na quarta-feira convidei-os para irem a Três Corações onde, na casa de minha mãe, poderia tentar um encontro com pelo menos alguém que houvesse avistado o objeto que sobrevoara a cidade enquanto estive fora. Marquei com eles que se encontrassem comigo lá, às 10h00, porque ainda naquele mesmo dia eu os levaria até o casal Eurico e Oralina – como de praxe estava fazendo com os repórteres, inclusive duas equipes de argentinos que lá estiveram, pois para mim não havia problema algum se eu não tinha os compromissos profissionais de que em muitos de nossos encontros o Ubirajara estava impossibilitado.



138

Ao chegarem, havia falado com o meu informante – aquele com quem conversara pelo celular enquanto estive em Campinas. Disse-me de um militar da ESA, muito amigo dele, de também ter visto o objeto, as lentas manobras e peripécias, num tempo relativamente longo e não em apenas por alguns furtivos momentos.

Este militar nos disse que dentro da ESA inúmeros colegas de farda estiveram filmando e fotografando o objeto. Não soube declinar os nomes deles mas, a nós, sobre este avistamento, não nos importava. Afinal toda a cidade teve a feliz oportunidade de avistar o mesmo espetáculo. Mas levantou a hipótese de que os militares talvez estivessem registrando tudo, provavelmente atentos a qualquer manobra diferente do objeto, pois as *criaturas do espaço* poderiam estar cientes das capturas e estivessem sondando o quartel. Daí a atenção dos militares voltada para a filmagem e fotografias, porque eles sabiam muito bem do porquê e do recibo. Articulavam suas devidas precauções.

Como este militar não poderia aparecer na reportagem da revista *ISTOÉ*, pois ele havia me passado outras informações, após outros telefonemas encontrei dois amigos, sendo um deles pai, cuja filha também avistou o objeto e o desenhou. Marquei com eles um encontro e, ao nos narrar como ele era, ficamos surpresos pois se referiam a ele como parecendo a um *submarino*. Os dois amigos nos diziam ele ser um pouco arredondado nas pontas, com uma pequena cúpula além de umas janelinhas. E a menina, um tanto alheia às conversas, fazia o desenho como ela também o avistara, aparentemente numa altura muito baixa para conseguir acrescentar tantos detalhes. O desenho (também publicado na revista) representava quase o mesmo *submarino* narrado pelo casal Eurico e Oralina, levando-nos a crer em enorme semelhança com mesmo tipo de objeto, também possuindo dimensões pequenas, além do “cocuruto” dito por Eurico. Somente não soltava fumaça. Mas na noite clara de Três Corações será que aquele objeto esteve quase por duas horas pairando sobre a cidade somente com o propósito de alegrar os olhos de todos? Certamente que não. Estivera sobrevoando a cidade por algum motivo. Mas qual? Fazendo o quê? E por quê? Ou seus tripulantes seriam outras *criaturas* no resgate das que se perderam? Ao se afastar depois de tanto tempo, foi este sobrevo para nada? Não posso acreditar.

Feito o trabalho com a revista *ISTOÉ*, logo no final da semana subsequente a revista estava nas bancas. E a tiragem esgotou-se pelo Brasil inteiro. Para mim só foi possível adquiri-la tendo solicitado com antecedência ao jornalista que a guardasse. Em Varginha ocorreu o mesmo, tendo a população ficado cada vez mais impressionada e abismada, transpondo a desconfiança para a credulidade. Afinal, o assunto das *criaturas* rendera capa e seis páginas em cores com fotos, ilustrações, depoimentos, incluindo o *box* a que nos aludimos à página 135.

RELATÓRIO DE EVIDÊNCIAS E INVESTIGAÇÕES:

16/05/96 A 22/05/96

Recebido por Claudetr Covo, enviado pelos irmãos Mondini do CEPEX, de Sumaré-SP.



Irmãos Mondini: Eduardo e Osvaldo

16/05/96

- 11h20m Eduardo Mondini recebe ligação de Ubirajara Franco Rodrigues, de Varginha-MG, informando que um telefonema anônimo vindo de uma pessoa de Jundiaí-SP teria lhe informado que na segunda-feira (13/05) de madrugada, alguma coisa teria transferido do Quartel de Campinas-SP (11ª Brigada de Infantaria Blindada) para o 2º GAC (2º Grupamento de Artilharia de Combate) em Jundiaí-SP. A pessoa teria visto caminhões militares entrando no 2º GAC e que havia um forte esquema de segurança vigiando o quartel. Ubirajara finalizou solicitando apoio do CEPEX para confirmar esses fatos, pois a pessoa (que era uma mulher) lhe pareceu muito sincera.
- 11h30m Eduardo liga para Osvaldo Mondini na Indarma solicitando que o mesmo entrasse em contato com “Rubens”, representante do CEPEX em Jundiaí-SP para que o mesmo averiguasse junto ao 2º GAC as informações passadas por Ubirajara.
- 11h43m Osvaldo telefona para “Rubens” e solicita que o mesmo verifique junto ao 2º GAC as informações sobre o comboio militar que teria saído de Campinas e entrado no quartel em Jundiaí-SP.
- 18h00m “Rubens” telefona de Jundiaí-SP para a residência de Osvaldo Mondini, informa que foi até o 2º GAC de bicicleta e entrou para tomar água (desculpa arrumada para entrar no quartel). “Rubens” perguntou aos sentinelas sobre o comboio e os mesmos não



souberam informar nada, disseram que não havia nenhuma movimentação estranha no quartel, mesmo porque no sábado (18/05) iria acontecer a entrega da boina aos recrutas e o quartel seria visitado pelos familiares dos militares incorporados. "Rubens" informou ainda que sua mãe tem uma amiga que é casada com um capitão do 2º GAC e a mesma havia lhe dito que seu marido estava incomunicável há 15 dias em uma chácara ou fazenda em Bragança Paulista-SP. A mulher desse capitão tentou falar com ele várias vezes e não obteve êxito; disse ainda que, quando ela perguntava a ele sobre o ET de Varginha o mesmo desconversava. Foi informado também que haveria uma reunião de generais em Bragança Paulista-SP com a presença do ministro do Exército, gal. Zenildo Zoroastro de Lucena. O motivo desta reunião, dia e local exato ninguém sabe.

20/05/96

14h10m Carlos, Marco Antônio e Eduardo Mondini (do CEPEX) saem da sede do CEPEX em Sumaré-SP com destino à 11ª Brigada de Infantaria Blindada, Instituto Médico Legal, Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas-SP e ao 2º Grupamento de Artilharia de Combate, em Jundiá-SP com a missão de fotografar, filmar e encontrar alguma pista da passagem do ET de Varginha por esses locais.

14h47m Entramos pela guarita que dá acesso à 11ª Bld Inf Bld pelo lado da Via Anhangüera, passando pelo 2º Batalhão Logístico (2º BELOG), 28º Batalhão de Infantaria Blindada (28º BIB), 2º Pelotão de Polícia do Exército (2º Pel PE), Quartel General da Brigada, Companhia de Comando da Brigada e 2ª Companhia de Comunicações Blindada (2ª CIACOM). Filmamos o que foi possível com uma câmera escondida no carro em movimento. Por todo o quartel existe guaritas com soldados armados vigiando a entrada de cada Companhia.

15h00m Paramos em frente à Escola Preparatória de Cadetes do Exército e fizemos com tranquilidade várias fotografias e filmagens do portão de entrada e das laterais da escola. Essas imagens e fotos foram fáceis de ser registradas, uma vez que a escola é de visitação pública e nos fizemos passar por turistas.

15h15m Chegamos ao Cemitério dos Amarais e fizemos imagens e fotos do IML em sua parte externa. A operação foi fácil devido ao dia de domingo ser de bastante visitação ao cemitério por parte de pessoas que possuem familiares enterrados no local. Não notamos nenhuma movimentação estranha, as portas estavam todas trancadas e pudemos ver somente um funcionário que, ao nos avisar, ficou olhando de longe, desconfiado.

15h45m Chegamos ao Aeroporto Internacional de Viracopos onde fomos averiguar se havia algum avião militar estacionado, e o que encontramos foram dois aviões

de carga ANTONOV. Um deles possuía pintura normal de linhas comerciais e estava carregando cargas convencionais

16h16m Quando estávamos indo embora notamos outro ANTONOV estacionado no terminal da Federal Express e não possuía pinturas de linhas comerciais, mas trazia, além da bandeira russa, o emblema do governo russo na cauda, o que significa que o avião pertencia ao governo russo. Perguntamos a um funcionário que estava passando no local sobre o avião e respondeu que pertencia ao governo russo e que teria chegado ao aeroporto no dia 15 deste mês e estava vazio aguardando carga. O funcionário disse ainda que o avião iria para os EUA. Acharmos muito estranho que um avião daquele porte estivesse literalmente estacionado aguardando carga e perdendo tempo e dinheiro, geralmente os aviões comerciais de carga somente passam pelos aeroportos, carregando ou descarregando e levantam voo o mais rápido possível para ganhar tempo.

16h57m Chegamos ao 2º GAC em Jundiá-SP onde fomos atendidos pelo cabo da guarda, "Everton", que confirmou a chegada das viaturas do quartel de Campinas. Dissemos a ele que queríamos visitar o quartel e o mesmo disse que não era possível, as visitas deveriam ser marcadas com o relações públicas do quartel durante a semana. O militar perguntou de onde estávamos vindo e dissemos que vínhamos de São Paulo para Campinas e resolvemos parar para visitar o quartel. Perguntamos a ele qual o vínculo que o 2º GAC teria com Campinas e o mesmo disse que não tinha nenhum vínculo (a pergunta fora feita para checar as informações da chegada das viaturas). O cabo "Everton" indagou o porquê da pergunta e Eduardo disse que na segunda-feira (13/05) estava passando em frente ao quartel e viu a chegada de viaturas no quartel provenientes de Campinas. O quartel de Campinas possui no 2º BELOG toda uma estrutura de manutenção em viaturas e a desculpa dada pelo cabo não procede.

21/06/96

17h00m Eduardo recebe ligação de Claudeir Covo de São Paulo que informa que estaria vindo a Campinas-SP para checar algumas informações que teria recebido da amiga "Míriam". Claudeir disse que não poderia passar as informações por telefone, por razões óbvias, e que conversaria com Eduardo pessoalmente. Eduardo marca horário para encontrar com Claudeir Covo às 19h30/20h00 em frente ao posto da Polícia rodoviária de Campinas-SP na Via Anhangüera.

20h20m Claudeir Covo chega ao local marcado juntamente com Antônio Cruz e se junta com Eduardo Mondini que já o estava esperando e todos partem para a casa da "Míriam", no bairro Jardim Proença, em Campinas.

21h30m Chegamos a casa de "Míriam" onde fomos recebidos pelo seu marido e lá encontramos com "Santiago" (Santi) que nos passa as seguintes informações: Um amigo seu da equipe de Badan Palhares teria lhe informado que o corpo do ET estaria no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp.

• Que o ET teria sido levado para Campinas porque o HC é o mais bem equipado do país e que as autoridades militares teriam escolhido a cidade de Campinas porque



a viagem de Três Corações-MG a Campinas-SP não era muito longe e assim o corpo não ficaria muito tempo exposto às condições da viagem.

- Que a Unicamp possuía um laboratório subterrâneo construído na década de 70 para atender interesses militares. Esse laboratório estaria embaixo do HC da Unicamp.
- Que uma das *criaturas* teria fugido e sido alvejada em Varginha.
- Que o legista Fortunato Badan Palhares estaria estudando o corpo da *criatura* com um especialista alemão.
- Que a *criatura* teria chegado a Campinas-SP e seguido direto para a Unicamp.
- Que a Unicamp possuía equipamentos de Primeiro Mundo e que a entrada no laboratório subterrâneo seria controlada por cartão magnético e impressão digital.
- Que Badan Palhares teria autopsiado a *criatura*.
- Que a ossada do Araguaia teria sido uma desculpa utilizada pelos militares para justificar a presença de viaturas no HC e IML de Campinas-SP. As ossadas estariam no HC desde 1991.
- Que todos os militares envolvidos no caso da captura do ET de Varginha estariam sendo transferidos de unidade.
- Que um parente de "Miriam" que mora ao lado do Hospital Humanitas em Varginha (MG) teria visto na noite da captura uma movimentação bastante grande no hospital.
- Que várias pessoas teriam avistado UFOs em Delfinópolis - MG na noite da captura do ET.
- Que militares teriam visto um ET resgatando outra *criatura*. O que estava no chão sendo resgatado teria levado um tiro e o outro estava tentando resgatá-lo e ao ver os militares fugiu. Tudo isso teria ocorrido depois da chuva de granizo (segunda captura).
- Que ninguém teria saído ferido na operação de captura, mas que a "Miriam" havia dito que um dos militares envolvidos na captura estava desaparecido e acredita-se que esteja morto.

23h20m Deixamos a casa de "Miriam" e seguimos para nossas residências.

22/05/96

16h00m Osvaldo recebe ligação de "Jader", nosso contato na Unicamp e o mesmo informa que seu amigo "Arnaldo" teria conseguido falar com uma pessoa que é braço direito do Badan Palhares. E esse senhor informou que havia muita gente atrás dele querendo informações a respeito da *criatura* e que a alguns dias passados, certas pessoas invadiram o cemitério dos Amarais e mexeram em algumas coisas na procura do ET e que posteriormente estiveram atrás de um dos responsáveis pelo cemitério e o mesmo não os atendeu. Mas o "braço direito" confirmou que a *criatura* realmente está em Campinas, mas não quis "abrir o jogo" a

respeito do local onde o ET estaria. Informou ainda que a *criatura* teria chegado de madrugada e quem recebeu o corpo do ET foi um alemão que trabalha no HC, mas não se dá muito bem com o Badan, pois os mesmos tiveram um *racha* tempos atrás e diante desse incidente, Badan teria conseguido verbas para montar seu próprio núcleo de pesquisas dentro da Unicamp. Ele frisou que este alemão é um grande cientista e muito considerado na Unicamp, e que será difícil conseguir mais informações, pois o mesmo é um dos envolvidos na pesquisa da Unicamp sendo uma pessoa muito *chucra*, pois o que o Badan lhe diz, ele responde amém. (Palavras do "braço direito").

20h30m Eduardo Mondini recebe ligação de Carlos Eduardo Bazan (membro do CEPEX) que informa que um professor amigo seu lhe disse que um amigo médico lhe confidenciou que passando pelo quartel da 11ª Brigada de Infantaria Blindada, deu carona a um militar e no meio do caminho esse médico teria perguntado ao soldado se a história do ET ter vindo a Campinas era verdade e o militar confirmou que sim e que ele próprio teria visto em cima da mesa de um de seus oficiais um documento falando sobre o ET.

Enquanto a investigação do incidente em Varginha prosseguia, o cotidiano do noticiário nacional continuava. Mas devemos ressaltar como curiosidade e de relevada importância a presença do Secretário de Estado Norte-Americano, Warren Christopher, vindo ao Brasil assinar com o ministro das Relações Exteriores, Felipe Lamprea, um acordo de cooperação para uso pacífico do espaço exterior.

Isso, na época, nos chamou muito a atenção porque provavelmente foi mais um argumento no sentido de envolver o governo brasileiro, de modo mais contundente, nesse processo de acobertamento, qualquer que seja o conhecimento atual do Brasil e o que venha a adquirir sobre seres extraterrestres ou de vida extraterrena. Esse acordo irá - num determinado momento - viabilizar a ida de um astronauta brasileiro ao espaço...

Uma ocorrência muito a propósito correlata a essa visita do secretário Christopher foi, também, na ocasião, a presença no Brasil, do administrador geral da Agência Espacial dos Estados Unidos - Nasa, Daniel Goldin. Visitou as instalações do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial - INPE, assinando acordos de cooperação espacial entre as duas entidades. Já houve acordos assim no passado, mas é a primeira vez que o principal dirigente da Nasa vem ao País conhecer o aparato científico nacional.

Nós, que estamos envolvidos com o incidente em Varginha, não podemos dissociar a presença desse pessoal ao episódio mineiro, principalmente porque ocorreu esse encontro no início de maio. Coincidências à parte, não é de estranhar que alguns militares venham nos dar a certeza da presença de dois americanos



formulando esses tipos de acordo na efervescência do *incidente em Varginha*, cuja dimensão dos acontecimentos corria o mundo através da imprensa? Não foram aqueles momentos de tanta conversa mole sobre o envio de brasileiros ao espaço e as visitas nas instalações militares com mais acordos bilaterais – tudo feito para justificar a presença deles – incluindo a Nasa dentro das dependências da Unicamp?

Um outro fato paralelo observado e de relevada importância é o de que, nesta mesma época, a Câmara e o Senado em Brasília tenham aprovado um projeto concedendo à Aeronáutica brasileira poderes para derrubar aeronaves em vôos clandestinos que não respondam à ordem de identificação, visando ao combate do narcotráfico e de contrabandos. Mas por que isso não fora feito anos atrás se não são de agora as notícias das rotas do narcotráfico? De aeroportos clandestinos? De centenas de aviões envolvidos? Por que agora?

Até quando tomaremos atitudes nossas sem a interferência dos estrangeiros? Qual é a autoridade estrangeira maior que a nossa? Se um dia já disseram: *o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil*, devemos a vida inteira viver engasgados com isso? Nossa visão tupiniquim continuará, até quando, criando folclores sobre as *criaturas do espaço* e seus objetos voadores como mãe-d'água, boitatá, boiúna ou taúba? Nossos militares não deveriam se sujeitar a tanto. Afinal, é correto acreditar que a fruta caída no nosso quintal pertencerá, sempre, ao pretenso dono do terreno?

Capítulo

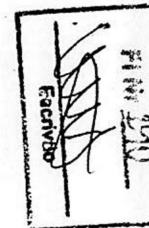
14

*O único modo de descobrir
os limites do possível,
é de se aventurar um pouco
para além dele,
para o impossível.*

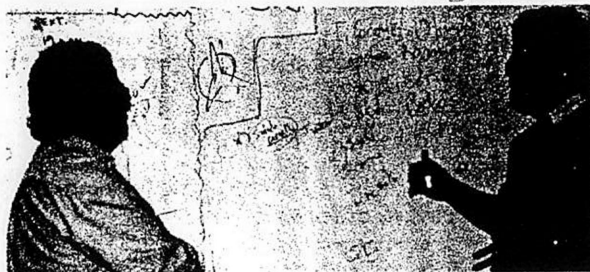
2ª Lei de Clarke.

Chega a Varginha o editor-proprietário da mais conceituada revista de Ufologia brasileira, A. J. Gevaerd, que estivera mantendo contatos periódicos conosco. Com ele estavam as redatoras da revista UFO, Danielle de Oliveira e Adriana Farias. Foram recebidos na casa do Ubirajara e, no auditório anexo, pacientemente expus todo o histórico dos fatos, desde o momento em que cheguei a Três Corações. Depois fui conhecer meu parceiro, levando a fita com o depoimento do primeiro militar que eu havia gravado. Durante horas repassamos para ele e equipe todas as ocorrências. Das mais simples como meros avistamentos aéreos à cronologia das capturas, sobre as meninas, dona Terezinha Cleft, o Zoológico, etc. Mais tarde procedemos às visitas e fotografias. As meninas, dona Terezinha, o casal Eurico e Oralina foram entrevistados. Levei o Gevaerd à sucursal do jornal *Hoje em Dia*. A tudo estivemos solícitos e cooperativos na intenção de que ele fizesse com o máximo de fidelidade uma reportagem condigna sobre o fato.

E as edições da revista UFO se sucederam com matérias bastante contundentes.



A. J. Gevaerd
com o pesquisador Pacaccini



A de nº 43 (abril/1996) enfoca notícia do Corpo de Bombeiros de Varginha escondendo informações; a de nº 44 (junho) sobre os militares ocultando informações; a de nº 13 (julho) foi a UFO Especial, com todas as ocorrências, entrevistas, depoimentos; a de nº 45 (agosto) com novas revelações sobre o envolvimento de militares aumentando a polêmica.

Em todas as edições as matérias foram muito clogiadas. Mas a UFO Especial teve sua tiragem de 18.000 exemplares esgotada em pouco tempo, tendo sido necessária novas impressões, tamanho o sucesso em todo o Brasil.



De um outro telefonema recebido, "Cairo" – que tem muitos contatos com os militares –, anunciou possuir informações importantes, mas estivera temeroso em enunciá-las para nós até quando pôde certificar-se da seriedade com que trabalhávamos e, em momento algum, deixado escapular para a imprensa qualquer pista que identificasse ao menos um dos militares envolvidos nas pesquisas através de seus testemunhos.

Marcamos um horário e fomos até à casa dele na companhia de meu parceiro, do Gevaerd, da Danielle e Adriana – repórteres da revista UFO. Foi surpreendente o que ele nos narrou.

No dia 20 de janeiro, ou seja, no mesmo dia em que as meninas avistaram a *criatura*, às 15h30; ainda às 13h00 – horário de almoço para ele, residente no bairro Santana, um pouco abaixo do bairro Jardim Andere –, estacionou o carro. Da porta de sua casa viu na parte de cima do morro, que é o final do bairro Jardim Andere, um caminhão militar parado. Disse-nos que até então de nada sabia, porque somente dias depois tomara conhecimento, através do noticiário e, então sim, pôde ordenar os horários até perceber que presenciara entre as 13h00 até 14h00 uma busca de novas *criaturas*. Naquela ocasião, apenas movido por curiosidade dirigiu-se ao local. Mas, lá chegando, não vira mais o caminhão. Avistou fora sete militares lá embaixo, indo em direção à mata, cujo total lhe chamou a atenção pela maneira com que andavam: um pouco afastados uns dos outros mas todos parelhados como se fazendo uma barreira de varredura a caminhar rumo à mata existente próximo à linha férrea. Estavam trajando fardas de combate, as camufladas, e portando fuzis.

Ele se disse surpreso, pois jamais vira algo semelhante ali nos bairros e postou-se para observar em meio a alguns outros também curiosos. Os militares adentraram a mata e, instantes depois, ele escutou três estampidos. Não tardou que dois soldados saíssem da mata portando cada um deles um saco de campanha. Pelo volume dos mesmos era evidente o conteúdo. Um dos sacos dava a nítida impressão de que alguma coisa ali estava aprisionada e se mexia. No outro saco apenas um volume inerte.

Mas restava a pergunta: o que os militares faziam ali? Por que a caminhada em varredura? O que havia na mata a exigir tanta atenção dos militares em fardas de combate? Se, pela manhã, ali estiveram os soldados do Corpo de Bombeiros capturando uma *criatura* e entregue ao Exército; afinal, quantas *criaturas* estariam na mata; se uma parecia viva e ensacada; a outra, sugerindo ter sido morta; e, às 15h30, as meninas avistaram uma *criatura* escorada num muro com um dos joelhos esfolados, não demonstrando qualquer reação – presumivelmente não seria por estar com medo e cansada?



Para nós, foi mais um depoimento a nos deixar eufóricos, pois aos poucos íamos – parte a parte – formando o quebra-cabeça gradativamente.

Tempos depois colhemos as informações através de Claudeir Covo, que empreendeu pesquisa junto com os irmãos Mondini e os membros do grupo INFA além da prestímosa ajuda do Edson Boaventura e Jamil Vilanova, que vieram a descobrir ter sido baleada uma das *criaturas* não por haver atacado o soldado, mas pelo susto dele ao estar frente a frente com algo horripilante para o “nosso padrão de beleza” e por inexperiência, nervosismo e o pior, desavisado por seus superiores da importância sobre o que estava fazendo ali, ainda mais considerando que uma *criatura* fora aprisionada na parte da manhã.

Devido às ocorrências e ao grande noticiário, o prefeito de Varginha, Aloysio Ribeiro de Almeida, convidou-nos a mim e ao parceiro para uma reunião em seu gabinete, marcada com três dias de antecedência. Aceitamos, mas ao chegarmos o senhor Aloysio teve de ausentar-se da cidade por motivo de viagem em função de atividades atinentes ao cargo.

Quem nos recebeu foi o vice-prefeito, Paulo Vitor Freire. Parabenizando-nos, ao mesmo tempo estendendo a nós palavras de solidariedade em seu nome e no do prefeito, relevando a seriedade com que vínhamos trabalhando nas pesquisas.

Perguntou-nos se havia razão para o pânico. Afinal, a cidade vivia momentos de perplexidade, susto, medo, boatos sobre a *criatura* no cotidiano do cidadãos varginhenses.

Confesso, no momento, ter pensado que a pergunta tinha a ver com o que sabíamos por depoimento de uma pessoa, sobre a morte do militar.

Havendo algum fato extraordinário, solicitou que, juntos estudássemos um modo de dar o alerta à população. Fariamos isso sim, sem dúvida; ou teria feito o Exército – mais apropriadamente, se era ele o responsável pela captura e posse – através dos recursos de sua tecnologia e médicos capazes de terem detectado desde o início qualquer perigo iminente que pudesse afetar a população.

Na noite do mesmo dia recebo um telefonema em casa de minha mãe. Era um oficial militar de um Estado vizinho a Minas Gerais, que se identificou, comentando a nossa dedicação à pesquisa e se sentindo na obrigação de nos informar que – sendo ele um militar graduado – não poderia deixar o fato a ser mencio-

nado, apenas restringir-se ao meio militar, pois tratava-se de um assunto pertencente à humanidade.

Disse que os acontecimentos relativos aos OVNIs e a seus tripulantes não eram exclusividade nos céus do Brasil, pois no mundo todo tais fatos ocorrem com frequência. Confirmou que o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo – CINDACTA I, de Brasília, tinha inúmeras informações catalogadas sobre tais fenômenos e que estava ciente de fatos que a população de um modo geral nem imagina.

Ainda no mês de janeiro, disse ele, da Base Aérea de Canoas - RS decolou uma aeronave, Búfalo, de carga e transporte de tropas, com destino a algum ponto do Sul de Minas Gerais, levando um radar portátil, mas de alcance razoável. Onde pousou ele não soube precisar, e nem nós sabemos, pois se fosse em Varginha chamaria a atenção de todos, porque no aeroporto de lá esse modelo de aeronave não existe e, se houve aterrissagem, foi em anos anteriores, não havendo notícia disto.

A carga era composta de três contêineres menores e uma caixa de madeira, tendo vários militares embarcado juntos. No primeiro contêiner havia geradores. No segundo, equipamento de recepção e computadores. No terceiro, uma pequena oficina portátil. Na caixa de madeira havia a antena desmontada. Em suma, era um sofisticado radar portátil com pintura camuflada, cujo destino fora o Sul de Minas. O motivo: a instalação do mesmo em área isolada, ou seja, para permanecer dentro da mata – muito existente na região.

Por que isso? Primeiro, não haver em Varginha este sistema de radar. Nem mesmo dentro da ESA, que é uma escola de sargentos das armas, porém voltada para a instrução de infantaria, cavalaria e engenharia de guerra. Assim, este radar estaria controlando o tráfego aéreo – inclusive e mais propositadamente – dos OVNIs, sendo localizados com facilidade e informando até pousos e quedas. Segundo, em sendo portátil, seria de bom grado para a ESA manter-se a par dos informes, passando a ter o controle da situação, não dependendo de Brasília ou Rio de Janeiro. Terceiro, a ESA teria condições de trilhar algumas aparições e postar-se em alerta máxima quando necessário.

E foi o que ocorreu, de acordo com a confidência de quem falava comigo. Tal fato também foi mais tarde confirmado pela esposa de uma grande patente de dentro da ESA, nos contando do marido que, durante a Semana Santa, não teve permissão para sair do quartel, se estavam de prontidão – “com medo da retaliação”, conforme as palavras desta senhora, para o caso dos objetos tanto avistados pela população tornassem a surgir acintosamente. Afinal não foram eles, os militares, os responsáveis pela captura? Da morte? Do comboio para a Unicamp?



Importante enfatizar que neste mesmo período militares americanos chegaram à ESA de helicópteros. Uma área fora interditada e vários agentes da inteligência e de muitos lugares do país foram enviados para lá. Alguns moradores da região, principalmente os do bairro Santa Tereza, que é contíguo ao quartel, disseram jamais terem visto tamanha movimentação antes, se vários residentes estão ali há anos, fato que chamava a atenção até dos mais incautos.

Somando os meus contatos sigilosos com os militares, já passavam de 15 e, todos, confirmaram - do primeiro ao mais recente - a presença dos estrangeiros dentro da ESA. Discretos e numa operação tranquila. Isto porque ainda no Brasil as forças militares ainda não têm tecnologia sofisticada para lidar com o fenômeno ufológico, ao passo que os americanos possuem equipes de resgate, cientistas, armamentos específicos para quando for necessário usá-los. Enfim, toda uma infraestrutura para lidar com esses casos. Passados alguns dias, descobri o que os americanos estavam fazendo lá: além do apoio logístico, participavam dessa operação.

Capítulo

15

*Este mundo
é uma profecia
do mundo que há de vir.*

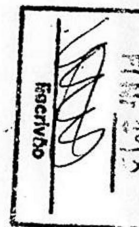
Edward Young

Ainda no mês de maio, os vários militares que estavam nos ajudando passaram a informação da abertura de uma espécie de inquérito interno feito pela ESA no intuito de apurar o porquê de vários militares citados nominalmente quando da captura e traslado da *criatura* do Hospital Humanitas à Unicamp.

É normal esse procedimento interno da ESA, dado o enorme contingente de mais de 3.000 homens nas suas dependências. Apura-se o fato que originou o inquérito, pune-se quem tiver de punir e a vida prossegue em continência ao dever cumprido.

Mas no caso específico da *criatura* chamaram as pessoas que foram citadas e arranjaram para cada uma delas as testemunhas necessárias no sentido de desmentirem suas participações no *incidente em Varginha*.

No dia em que os nomes dos militares foram citados por mim na reunião com os ufólogos e a imprensa - quando Claudeir Covo fez a leitura do Manifesto - disseram-me terem arrajando uma ocupação para o tenente Tibério em determinado



lugar, tendo uma testemunha para confirmar; o cabo Elter, idem. O mesmo a respeito do capitão Ramirez, do sargento Pedrosa, do soldado Cirilo e mais outros citados.

Também ofereceram-me cópias do documento de várias laudas. Quanto a isto agradei a boa vontade mas dispensei tal oferta, pois estes militares-informantes foram amigos e se aceitasse estaríamos, todos nós, incorrendo em erro. Afinal estes papéis não representariam importância vital nas pesquisas. Somente por saber da existência deste inquérito nos era suficiente porque, mais uma vez, não estávamos distantes da realidade. O incidente Varginha não se prendeu apenas ao avistamento de uma *criatura* pelas meninas. Foi mais longe. Era bem maior que se imaginava. Tornou-se uma grande árvore de muitos galhos espinhentos para nós.

Preparada aquela documentação, todos os citados tiveram que assinar nas suas respectivas laudas, juntamente com a testemunha forjada com o único propósito de, quando e se - alguns ou todos - vierem a dar baixa da corporação um dia, e por alguma razão resolvessem contar o que sabiam, o Exército teria como provar a mentira trazendo a público o documento assinado.

No dia 20 de maio, segunda-feira, a doutora Leila Cabral, diretora do Zoológico de Varginha, telefonou-nos para contar que Ildo Lúcio Gardino (21 anos), seu aluno de Biologia no 2º ano de suplência do Colégio Batista, disse a ela de ter avistado uma *criatura* muito estranha e feia à beira de uma estrada. E que ela, a doutora Leila, estava preocupada com o aluno por senti-lo nervoso e muito tenso.

Procurei saber o horário que o encontraria e, no mesmo dia, fui até ele. Conversamos no pátio, antes do início de sua aula. Após minha introdução de praxe sobre pesquisa ufológica e do sigilo para resguardar o depoente caso necessário, quanto a isto ele não fez nenhuma objeção.

— Vinha sozinho de Três Corações para Varginha dirigindo a Besta (perua coreana). Passava das sete da noite. A poucos quilômetros da chegada, onde a estrada tem uma curva acentuada e, em seguida, uma grande reta em subida, ali, avistei depois desta curva uma *criatura* tentando atravessar a estrada rumo à mata do outro lado, após um pasto. Essa *criatura* estava em pé, ligeiramente curvada, quando bati os olhos nela. Tinha desacelerado o carro devido a curva. A uns quarenta metros a minha frente os faróis clarearam aquela coisa marrom escura, com pelos por todo o corpo, os olhos avermelhados e grandes refletidos pela luz do carro e, num gesto inteligente e de proteção, levou as mãos ao rosto e se agachou.

— E por que você não parou o carro? - perguntei.
— Cê tá louco! Sem saber o que era aquilo eu não ia fazer isso, nuncal!
— Não seria um macaco?
— De jeito nenhum. Era, isso sim, um bicho dos mais esquisitos, tendo na cabeça uma espécie de chifres pequenos.
— Mas nem dentro do carro, com os vidros fechados, os faróis acesos atrapalhando a visão dessa "coisa", assim mesmo você não teve coragem de frear?
— Nem! Por nada desse mundo eu ia fazer isso. E o medo? Acelerei e toquei pra frente, passando perto dela enquanto olhei mais de perto. A coisa levantou e voltou pro mato de onde vinha. E fui embora.
— Acaso não seria um bezerro? - perguntei para estudar a reação dele na resposta.
— Bezerro de duas pernas? E peludo? Olhos arregalados de vermelho e grandes? Que o quê, só!
— Um tamanduá?
— Ora, ele é mais peludo no rabo e tem focinho fino além de quatro patas. Não, não, o que avistei foi coisa esquisita mesmo.

Confesso ter ficado impressionado com o que ele contava, entendendo haver mais *criaturas* à solta pela região. Essa, diferente da de Varginha pelo fato de apresentar pelos; mas isso, para nós, ufólogos, não causa surpresa pois quando fomos a Alfenas - no início das investigações - e conversamos com o Toninho, jardineiro da Associação Atlética Banco do Brasil - AABBB, a *criatura* por ele avistada era peluda e de olhos grandes. As que as meninas viram diferenciava pela pele lisa e oleosa, mas de olhos também grandes. De qualquer modo essa tipologia não pertence ao nosso meio. Embora haja entre humanos características diferentes como índios, negros, japoneses; altos, baixos, magros e gordos; peludos e carecas, ainda assim permanece a espécie *Homo Sapiens*.

Pedi ao Ildo que reconstituísse a nossa conversa no dia seguinte, quando iria apresentá-lo ao Ubirajara. Concordeu e combinamos o horário e o local para irmos buscá-lo em Três Corações, onde reside e trabalha.

Fomos ao encontro dele e nos dirigimos para o ponto exato na estrada onde ele avistara a *criatura*. Descemos do carro e percebemos que atrás das árvores - depois do acostamento e exatamente no local onde aquela *criatura* estava -, se traçarmos uma linha reta estaremos diretamente na casa do Eurico e Oralina - o casal que avistou o "submarino com o cocuruto". Seria possível que esta *criatura* estivesse junto com as outras e, dali saindo do "submarino", seguisse rumo diferente?

O Ildo fez a simulação do comportamento da *criatura* que avistara. Registramos tudo em vídeo. Ao retornarmos a Três Corações procuramos saber a quem pertencia o terreno do outro lado da estrada para onde ela se dirigia, pois pretendíamos fazer uma noite de vigília. Segundo informações do Eurico em toda



aquela mata, de ambos os lados, há muitas cobras cascavel, jaracuçu-cruzeiro e outros tipos peçonhentos, sendo comum ele próprio matar várias mensalmente ao encontrá-las no lugar onde o gado pasta. E, sendo a mata muito fechada, impossível será prever o que existe por lá, não havendo meios como chegar de carro nem a cavalo. A pé recomenda-se uma equipe razoavelmente numerosa e atenta para promover a vigília durante a noite.

Fizemos o registro achando muito interessante o fato de no dia 15 de maio quando houve o avistamento desta *criatura* pelo Ildo, quase quatro meses havia passado desde o dia 20 de janeiro, data em que as meninas avistaram uma *criatura* rente ao muro no bairro Jardim Andere. Por que a persistência de *criaturas* andando por lá? Seria alguma missão? Procuravam as que foram capturadas? Estariam perdidas pelo incidente acontecido? Afinal, quem são elas? Vieram de onde? Iam para onde? E o que, de fato, faziam ali no Sul de Minas?

Importante ressaltar que poucos dias depois, acompanhando o repórter do *New York Times* na entrevista com o casal Eurico e Oralina, tive a oportunidade de comentar com o Eurico o avistamento do Ildo. Ao que ele me respondeu assustado:

— Pacaccini, não me diga uma coisa dessa! Agora faz sentido da cachorrada endoidar de latência naquela semana. Inclusive, de noite, arranhando com as patas a porta de casa e numa choramingação de dá dó.

Na segunda quinzena de maio o produtor de televisão, Goulart de Andrade nos contactou de São Paulo demonstrando interesse de se deslocar para Varginha com a sua equipe na intenção de gravar um documentário. Ele expõe seu programa *Comando da Madrugada* na TV Manchete, aos sábados, em torno da meia-noite.

Goulart chegou de avião junto com a esposa, enquanto sua equipe de apoio viajou de São Paulo numa Chevrolet Veraneio. Seguimos o roteiro normal: conheceu as meninas, os locais dos avistamentos e das capturas, dona Terezinha Clepf, doutores Leila Cabral e Marcos, no Zoológico; enfim, todas as minúcias roteirizadas por nós.

No Hospital Regional, conversou com o administrador, senhor Adilson Usier, que negou qualquer envolvimento tanto dos médicos como dos funcionários em relação à *criatura*. Aproveitou a oportunidade para apresentar um documento querendo demonstrar que toda a movimentação havida nas dependências do hospital, na noite do dia 20 de janeiro, levado pelo Corpo de Bombeiros fora devido ao suicídio de um detento do presídio de Varginha, cujo corpo dera entrada naquela mesma noite do dia 20. Mas este argumento encontrou imediata resposta por parte



Goulart de Andrade entre os doutores Leila Cabral, Marcos e os pesquisadores Ubirajara e Pacaccini (foto capturada de vídeo)

do Goulart de Andrade, porque entregamos a ele cópia do laudo pericial, adquirido através de uma advogada amiga de Ubirajara, dando a *causa mortis*, o dia e o horário. Após o entrevistador ouvir toda a argumentação do senhor Adilson, retirou do bolso um papel e, defronte das câmeras, ao vivo e em cores, pode desmenti-lo:

— Olha, Adilson, sinto muito, mas ou você se enganou redondamente ou então é outro o motivo, porque estou aqui com o laudo nas minhas mãos e a tal pessoa faleceu no dia 30 de janeiro!

Outra contradição do senhor Adilson Usier, foi a de informar do Corpo de Bombeiros ter levado o corpo para o Hospital Regional. Acontece que o próprio capitão Alvarenga havia comentado do engano do senhor Adilson, pois o Corpo de Bombeiros não havia levado morto algum para o Hospital Regional.

Encerrando este quadro, levamos o Goulart ao Zoológico, quando conversou com os doutores Leila Cabral e Marcos. Sobre a morte dos animais, as análises das autópsias e, mais demoradamente, a mostragem de onde estivera dona Terezinha Clepf, além da exata posição que se encontrava a *criatura* avistada por ela. Também o levei ao casal Eurico e Oralina.

O documentário estava completo quando o Goulart pediu-me que o levasse a Três Corações porque desejava fazer uma entrevista com o general Coelho



Lima ou com quem poudesse, atendê-lo. Fui com ele mas não entrei no quartel. O general atendeu-o de forma simpática, porém foi lacônico, negando todo o envolvimento da ESA e alegando não estar mais autorizado a tocar no assunto. Somente Brasília poderia falar. Mais uma vez percebíamos a extensão do *incidente em Varginha*. Ao Goulart contei sobre o "inquérito interno" promovido pela ESA.

Encerradas as visitas, as entrevistas, o passeio de reconhecimento, nos despedimos e Goulart de Andrade retornou a São Paulo. No sábado do dia 1º de junho, o programa foi ao ar com a duração de duas horas e quinze minutos! Tempo esse jamais utilizado em televisão dedicado a um único assunto de ordem ufológica! De tão apreciado por todos, o mesmo programa voltou a ser reprisado na semana seguinte.

Da parte final dos quadros nós não tínhamos participado. Goulart estivera na Unicamp entrevistando o doutor Badan Palhares, que tudo negou sobre a passagem da *criatura* por lá. Mas levou o entrevistador até uma sala onde há uma série de gavetas refrigeradas destinadas a depósito de corpos para autópsias no cemitério dos Amarais. Os irmãos Mondini já haviam tomado conhecimento das várias incursões do médico ao local, bem como do esquema de segurança montado por parte dos militares, mas este passio não convenceu a ninguém porque a *criatura* de Varginha dera entrada na Unicamp no mês de janeiro e o programa estava sendo gravado em final de maio! Torna-se evidente que *criatura* alguma ainda estaria ali, na geladeira, esperando que o programa *Comando da Madrugada* chegasse lá e a encontrasse estirada sobre a mesa. O certo seria a procura nos laboratórios subterrâneos em algum canto da Unicamp ou em bases militares próximas, no dia subsequente à chegada da *criatura*, entregue pelos militares da ESA.

Mesmo diante das negativas do doutor Badan Palhares, não o colocamos aqui como a ovelha negra ou o vilão da história. Se por ordens militares e superiores teve de negar qualquer participação sua, aceitamos. Afinal, é de praxe o acobertamento e o desquite em casos que envolvam Forças Armadas. Ao cientista brasileiro cabe a resignação por estar sob a tutela e a vigilância do governo. Além dele, outros cientistas também, pois o país, por mais rico que seja devido aos seus homens de ciência, continua cada vez mais pobre na aceitação da abertura para o conhecimento e a participação em novos horizontes de pesquisas.

Certas civilizações
extraterrestres avançadas
podem tentar trazer
ajuda aos humanos,
mas eles o farão
por intermédio de
humanos sensíveis
a essa comunicação.

Appel Guery

Capítulo 16

No final de maio, meu parceiro teceu comentários sobre o 14º Congresso de Ufologia, em Curitiba, Paraná, nos dias de 6 a 9 de junho, com a coordenação de Rafael Cury, presidente do Núcleo de Pesquisas Ufológicas (NPU) e da Associação Nacional dos Ufólogos do Brasil (ANUBI), fazendo muita questão de que eu fosse com ele para apresentar o *incidente em Varginha*. Relutei, alegando que eu jamais frequentara congresso algum, porque o CICOANI por ter sido um grupo muito fechado, nem ao menos comentava entre seus membros tais eventos. Por outro lado não me animava a ir porque, na programação do evento, constava somente o nome de Ubirajara como palestrante sobre o *incidente em Varginha*. Quanto à não-inclusão do meu nome, a mim não fazia diferença, pois a minha intenção – desde o início das pesquisas – foi contribuir com todo o meu entusiasmo e dedicação, movido pelo desejo de que as evidências sobre as *criaturas* simplesmente não ficassem apenas em anotações esparsas num acervo destinado ao esquecimento em algum arquivo com o passar do tempo.

FIN
16
Escrito

XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE UFOLOGIA CIENTÍFICA
IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE UFOLOGIA
II ENCONTRO INTERNACIONAL DE CONTATADOS



Catálogo do Congresso

Ora, se em toda a minha vida acreditei na máxima popular do *onde há fumaça é porque há fogo*, não deixaria esmorecer o meu entusiasmo – ainda no início de fevereiro –, resolvido que estava a procurar até o mínimo vestígio de fagulha, justamente por intuir a dimensão do fenômeno, quando pude entrevistar o primeiro militar em Três Corações antes mesmo de conhecer o meu parceiro. Também, movido pela vontade maior em fazer com que todos pudessem tomar conhecimento da indetúrpavel verdade dos fatos e os seus desdobramentos.

Confesso meu desinteresse em ir ao Congresso. Mas, de tanta insistência havida por parte do Ubirajara, do Claudeir Covo e do Gevaerd, comecei a me sentir deslocado, em permanecendo irredutível. Fomos.

Chegamos em Curitiba na quinta-feira e tive a oportunidade de encontrar muitas pessoas de projeção da ufologia brasileira que eu não as conhecia pessoalmente, além das grandes personalidades da ufologia mundial, como o terapeuta Jonh Carpenter, dos Estados Unidos – atual presidente da Mutual UFO Network (MUFON); Graham Birdsell, da Inglaterra; o físico Stanton Friedman, do Canadá, co-autor do best-seller *Ufo Crash at Roswell* – tendo reali-



John Carpenter



Pacaccini entre Ubirajara (sentado) e Salvador Freixedo

zando nos últimos dez anos mais de quinhentas palestras em universidades americanas sobre ufologia; Roberto Pinoti, da Itália, e Salvador Magdalena Freixedo, da Espanha.

Também Travis Walton, abduzido no Arizona, nas proximidades de Snowflake, tendo desaparecido por cinco dias. Ao retornar à Terra, contou sua história em livro que originou o filme *Fire in the Sky* (Fogo no Céu) – dirigido por Robert Liberman e interpretado por D.B. Swenney, James Garner, Robert Patrick, Craig Sheffer, Peter Berg, Henry Thomas, Bradleu Grgge e Kathleen Whilhoit, em 1993.



Roberto Pinoti

Pacaccini entre Ubirajara e Travis Walton (de olhos fechados devido ao flash)



Pacaccini entre Ubirajara e Stanton Friedmann



Além dos abduzidos brasileiros Dino Kraspedon, residente em Uberaba, MG, e do paranaense Emanuel Sanches.

Entre os conferencistas nacionais estavam Ana Santos (do grupo CEEAS), Ademar Eugênio (URANTIA), Gevaerd (CBPDV), Claudeir Covo (CEPU), Edson Boaventura (GUG), Irene Granchi (CISNE), Reginaldo Athayde (CPU), Romio Cury (GÊNESIS), Marco Antonio Petit (AFEU), Ubirajara e eu – pois fui para ajudar.

Sob este aspecto foi muito proveitoso para mim. A maioria deles sabia coisas a meu respeito através dos noticiários de jornais e da TV, mais querendo se inteirar do *incidente em Varginha* antes mesmo do dia da palestra marcada para a noite de sábado. Diziam alguns terem ido ao Congresso movidos muito mais pelo interesse despertado em relação ao *incidente em Varginha* do que sobre os outros agendados para apresentação. Quanto a isto sentia-me bastante desapontado se o Congresso estava aberto a outras palestras com assuntos extremamente interessantes. Delicadamente expunha isso às pessoas.

Finalmente a noite de sábado chegou. Após a nossa preleção, até entrarmos no *incidente em Varginha* propriamente dito, tivemos que abreviar ao máximo a nossa fala porque o assunto, sendo um pouco extenso, não caberia no prazo que nos deram, pois logo em seguida haveria o jantar de confraternização com hora marcada num restaurante. No entanto, comprometi-me com o público que, em havendo uma oportunidade cedida pelos organizadores do Congresso, no dia seguinte, domingo, poderíamos prosseguir na parte da tarde.



Momento em que Pacaccini (à esquerda) e Ubirajara narram o *incidente em Varginha*, no plenário do Congresso



Graham Birdsall, Pacaccini, Ubirajara e A. J. Gevaerd

E nesse jantar de confraternização o Ubirajara, ao demonstrar o desejo de ser fotografado ao lado de determinadas pessoas importantes no cenário da Ufologia mundial, sugeriu que eu os abordasse pela minha facilidade com o inglês, enquanto o Claudeir batia as fotos.

Mas, no dia seguinte, cedo, Ubirajara teve de ausentar-se de Curitiba por razões pessoais, ficando eu sozinho.

Pela manhã, alguns estrangeiros, tendo problemas com a tradução no auditório do Congresso, e cientes de que eu poderia fazer uma palestra em separado para eles, em inglês, pediram-me que repetisse tudo o que eu dissera no dia anterior, antecipando o que eu iria proferir na parte da tarde. Fui para o hotel onde estavam hospedados Stanton Fridman, Graham Birdsall, John Carpenter.

Ligaram as filmadoras fixadas nos tripês, ouviam atentamente e anotavam muitas minúcias do que eu dizia em relação a todo o *incidente de Varginha* – resguardando os nomes dos meus depoentes – porque não havia nenhuma pressa nem tempo marcado para terminar. Às vezes, um ou outro interrompia a minha fala para alguma pergunta, quando pude dirimir as dúvidas.

Foram duas horas de explanação e hoje acredito que todos eles levaram as informações para seus respectivos países na mais fidedigna exposição que pude fazer.

Na parte da tarde e com tempo extra conseguido, subi ao palco e concluí o *incidente em Varginha*, contando com o apoio dos amigos e companheiros que estiveram conosco: Marco Antonio Petit, Gevaerd, Edson Boaventura, Jamil Vilanova, além do Claudeir Covo, claro.



De retorno a Varginha, meu parceiro e eu decidimos fazer uma incursão noturna no local onde o estudante Ildo avistara a *criatura* peluda na noite do dia 15 de maio. Estávamos cientes da existência de muitas cobras pelas informações do Eurico. E o proprietário das terras não objetara quanto a nossa intenção.

O Claudeir Covo mostrou-se interessado em participar, mas justo naquele mesmo dia teria de estar no programa da Silvia Popovic, na TV Bandeirantes de São Paulo. Antes, havia-nos sugerido que o *incidente em Varginha*, a ser abordado no programa, devesse ter alguém para expô-lo. Como não podíamos ir, ficou a cargo dele, residente que é em São Paulo e também companheiro nosso nas várias e oportunas vezes que participou conosco das pesquisas.

Pegamos as nossas tralhas de acampamento e as armas: um 38 que Ubirajara herdara de seu pai e a minha semi-automática 9mm, Browning. Estava preocupado com o parceiro por ele não ter tido nenhuma experiência ou treinamento de tiro e, caso deparássemos com um sério imprevisto, não teria nem como imaginar a reação dele.

Chegamos de carro e o deixamos estacionado de frente para a estrada propositalmente para o caso de uma retirada súbita não ser preciso manobrá-lo. Subimos o morro até o topo, em meio a uma escuridão completa, não havendo luar naquela noite e as copas das árvores serem muito fechadas. Com as lanternas nas mãos, mal avistávamos as trilhas e os atalhos pois a cerração àquela hora e em alguns pontos parecia nos espreitar.

É evidente que não estávamos com o propósito de atirar no que vissemos. Seria o último recurso e apenas para nos proteger. A pretensão mesmo fora que, ao nos instalarmos ali, passássemos a noite perscrutando nos ruídos característicos da mata algo a nos revelar surpresa. Mas os minutos foram se fazendo lentos, ti-quetando espera. Alongávamos conversas enquanto as horas pareciam adormecidas. O tempo tiritava de frio. Das 20h30 até quase 3h00 ouvíamos o rumor do vento nas ramas e alguns chilros de aves noturnas. E minhas divagações se estenderam para muito além daquele ambiente hostil. O que poderia fazer ali ou em qualquer lugar naquela região uma *criatura* desviada de sua rota? Fora de seu habitat natural, fosse onde fosse, o que estaria pensando? E, se pensasse, como se sentiria? Nós, com os nossos precários meios de defesa, de certa forma estávamos seguros, pois a algumas centenas de metros abaixo tínhamos o nosso veículo estacionado à espera de que fôssemos embora e retornássemos às nossas casas. Mas, e ela? Em qual objeto voador? Qual casa? Em que lugar? E em que onde? Confesso ter sentido agonia sem descrição. Uma angústia sem nome. E todo o vívido até então nas pesquisas desses quatro meses me veio à mente, mais por sentir a solidão de cada uma das *criaturas* e o que a elas aconteceu.

— Pacaccini! Pacaccini! — Ubirajara chamou-me.
— Sim!?
— Acho que devemos ir.
— Agora?
— É. Tá tudo muito calmo. Se a criatura estivesse por aqui teria movimento na mata. O que acha? São quase três horas.

Concordei. Aos poucos juntamos as nossas coisas e empreendemos a descida. Afora o receio do imprevisto, nada nos ocorreu. Entramos no carro e partimos. E assim, deste mesmo modo e por inúmeras vezes nos meus dezoito anos de pesquisas ufológicas, mais uma noite de vigília pude viver com intensidade. Muitos teriam desistido, mas, para mim, a perseverança é a maior aliada da realização de qualquer objetivo.

Retornei a Varginha depois do almoço. Havia deixado Ubirajara em casa, indo para Três Corações naquela madrugada.

Claudeir Covo veio de São Paulo e nos encontramos na casa do parceiro.

Recebemos o telefonema de um militar de outro Estado, comentando não poder silenciar-se diante do que sabia dentro da FAB. Disse apenas da queda do objeto voador — o "*submarino*" — e de ter sido resgatado também por militares.

Como estávamos conversando por telefone, corríamos o risco da possibilidade, àquela altura dos acontecimentos, de estar o aparelho do Ubirajara com escuta. O parceiro disse a ele a respeito de minha residência em Belo Horizonte, quando perguntou sobre a época em que eu iria para lá, pois pretendia visitar uns parentes que moram na Capital; bastando coincidir as datas, que nos encontraríamos. Anunciou o meu regresso para breve, e que eu entraria em contado, desde que ditasse o número dele ou algum outro para recado. Assim foi feito.

Vimos através da imprensa escrita, falada e televisiva a história de um "lobisomem" na zona rural de Passos, no Sul de Minas. Ficamos atentos, porque, segundo o relato dos noticiários, tratava-se de uma criatura peluda e que havia atacado quatro pessoas na mesma região, em dias distintos, mas sempre à noite.

Conversei com o Ubirajara sobre a possibilidade de irmos averiguar, mas, por estar ocupado com seus processos na Junta Trabalhista da Comarca de Varginha, resolvi deslocar-me para o local com o meu também parceiro e amigo Claudeir Covo.





Luciano Olímpio dos Reis



Pacaccini simula
com Luciano
o momento do ataque

No dia seguinte ele chegou. Estabelecemos um roteiro do que faríamos em Passos, a duas horas de carro de Varginha, e seguimos viagem. Ao chegarmos, ainda na parte da manhã, nos encontramos com Luciano Olímpio dos Reis (19 anos, 1,93m). Ele nos contou que no final de maio – não soube precisar o dia –, passava das 23h00, com a noite escura, retornava à casa por uma estrada de terra, quando surgiu entre as árvores, rente à cerca de arame farpado margeando o caminho, uma *criatura* peluda, andando em sua direção.

— Só podia ser um lobisomem! – disse, não tendo outra referência comparativa.

— E atacou você?

— Fez um tipo de rosnado que eu nunca ouvi de animal nenhum e também não sei imitar, e veio pra cima de mim. Na primeira investida me rasgou a jaqueta e minha camisa com aquelas unhas afiadas, iguais às de gato. Ai eu caí pra trás direto no chão. Mas ao cair chutei o peito dele, que se desequilibrou, dando um salto pra trás. Levantei do chão e corri, com ele me perseguindo e me derrubando de novo.

— Era alto como você?

— Mais baixo. De um metro e setenta mais ou menos. Mas aí eu tinha caído e ele avançou pra cima de mim. Chutei ele de novo na altura do saco, e, enquanto ele se esfolegava pra lá tornei a me levantar correndo no rumo da casa da dona "Tita", lá perto. O cavalo que estava do lado de fora levou o maior susto e galopou pro outro lado. O bicho então correu atrás dele e eu pulei o muro, batendo na porta e pedindo socorro. Foi só isso, mas os arranhados ficaram no meu peito!

Perguntamos mais sobre a *criatura*, não tendo informações. Luciano disse de outras pessoas terem passado pela mesma situação igual à dele. Era só encontrar cada um e conferir. Mas estávamos necessitados de voltar porque passava das 16h00, iríamos lanchar e o Claudeir retornaria a São Paulo imediatamente após ter-me apoiado em mais esta etapa das investigações, sendo ele de um dinamismo admirável. Ainda insisti na pergunta igual a que fiz ao Ildo:

— Não podia ser um tamanduá, pelas garras afiadas e ser alto quando em posição ereta?

— Foi não, sô. Tamanduá é peludo, mas tem um fucinho cumprido demais pra gente perceber, mesmo no escuro. E acho dele não ser bicho que corre e empurra. A fazer desse jeito ele ataca é de vez.

— E não seria um macaco?

— Que o quê! Pra macaco tinha de ser era um gurila, mas não existe ele pras bandas de cá, não. E se fosse, aí o bicho que pesa pra mais de duzentos e cinquenta quilos tinha era me massacrado de vez!

— Afinal, que bicho você pensa que era?

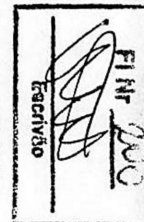
— Pra mim foi lobisomem mesmo. Ninguém me tira isso da cabeça.

Entendemos que poderia ter sido uma *criatura* ainda não classificada, e nem pertencendo ao nosso meio, exatamente por ser peluda. Recorro à lembrança das que Toninho e o Ildo avistaram. Têm igualdade nas descrições e certamente estarão desenvolvendo algum tipo de atividade no Sul de Minas.

Antes de retornarmos pedi ao Luciano se poderia fazer um desenho, ainda que rústico e modesto, tirado de sua memória, do que de fato avistara.

— Sei fazer isso não, se num vi ele direito. Além do que o meu susto era grande demais pra eu ter uma fotografia dele de cabeça. É lobisomem sim, e, isso, a gente já sabe como é que ele é.

Na semana seguinte Ubirajara, em companhia de Marco Antonio Petit, empreenderam viagem a Passos entrevistando as três pessoas vizinhas umas das outras na região rural, e que vivenciaram os mesmos encontros noturnos e em situações semelhantes à do Luciano, mas, todos alegando o escuro da noite na impossibilidade de descrever com clareza as características dessa *criatura*, apenas concordaram em ser peluda, de unhas grandes e um comportamento diferente dos animais conhecidos.



Capítulo

17

*Na escala cósmica,
só o fantástico tem
probabilidade de ser real.*

Theilhard de Chardin

Como estávamos atentos à possibilidade de um dos nossos informantes descobrir qual era a família do militar falecido, quando ele nos ligou anotamos o nome e o endereço. Estávamos no final do mês de junho, em torno do dia 20. Disse ao parceiro da minha intenção de ir procurá-los num sítio afastado do centro de Varginha onde a família reside.

Manifestei vontade de irmos naquele dia mesmo. Ubirajara não podia porque teria de dar aulas. Então, que eu fosse e o procurasse depois, à noite, na faculdade.

Lá chegando, fui identificado por todos devido aos vários noticiários em que apareci. Apresentei-lhes meus pêsames e perguntei sobre o que o filho havia dito antes de seu passamento, justificando que um colega dele, de farda, havia conversado comigo sobre os incidentes. Numa surpresa inesperada com a informação que lhes passava (inclusive dizendo quase num resumo sobre todos os acontecimentos), entreolharam-se, entendendo a seriedade da minha presença que,

não fosse por um motivo maior não teria acontecido. A mãe, dona "Geralda", tomou a palavra, mencionando que no dia 20 de janeiro, seu filho, um P2 do serviço de informação da PM, estivera em missão. E que na noite da grande chuva ele fora a casa para trocar de roupa porque estava sujo e muito molhado. Um carro de cor branca, oficial, sem a pintura que o caracteriza – pois era usado somente pelos P2 –, o levava e o aguardara na porta. Ela ainda perguntou se ele teria de sair novamente, quando confirmou estar em missão muito importante, retornando somente de madrugada.

"Francisco", o pai do rapaz falecido, é motorista. Disse-me que antes mesmo de acontecerem os primeiros boatos na cidade e do Ubirajara soltar as ainda incipientes informações na imprensa, ter conversado com o filho exatamente comentando o que achava do assunto de extraterrestre na cidade. Teve como resposta a quase ordem ao pai, não poder comentar com ninguém sobre o assunto, pois tinha certeza daquilo ser apenas o começo de uma grande confusão! — *Vai dar muito rolo, pai. Você pode esperar pra ver!* — disse ele.

A avó, dona "Benedita", presente na sala, comentou comigo que ao surgirem as primeiras reportagens no noticiário local mencionando sobre extraterrestres em Varginha, lembra-se muito bem da noite em que estava na casa do neto. Assistiam a televisão ela, o neto militar e a esposa dele, quando o noticiário abordou o assunto. Imediatamente o neto ergueu-se do sofá e desligou o aparelho, dizendo: — *Não assistam isso, que é isso é bobagem.* Assim, num repente, demonstrando enorme aborrecimento como se a ele tal notícia o afetasse diretamente, embora sua atitude fosse incompreensível para a esposa e a avó. Mas não será porque ele próprio já estava impressionado?

No momento não pensei na sensação ou advertência sobre o que viria a acontecer. Depois, refletindo melhor ponderei comigo mesmo o porquê daquela frase. Teria tido o jovem e saudável militar de vinte e poucos anos um envolvimento direto na operação de uma das capturas? Estranho demais era o fato de, passados alguns dias após o dia 20 de janeiro – quando no período da noite ocorreu a segunda captura –, o rapaz vir a adoecer arrebatado de forte febre e sem motivo aparente. Se fosse devido à chuva e ter-se molhado, ainda assim uma forte gripe ou mesmo uma pneumonia não o teria derrubado a ponto de prostrar-se, perecendo visivelmente num leito de morte dentro da UTI do Hospital Regional. E a família, por sua vez, não obtendo nenhuma informação médica enquanto o rapaz perdia os movimentos das pernas e dos braços, alimentando-se com alguém a ajudá-lo a pôr o alimento na boca, vindo a falecer sem que médico nenhum esclarecesse a causa, o motivo, a infecção generalizada... apenas recomendando um velório com a urna lacrada, de modo rápido e providenciado o enterro poucas horas depois.

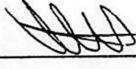
Nesse momento disse aos familiares sobre o militar que havia me procurado pedindo dinheiro para nos passar certas informações; e de ter comentado





TERMO DE ENCERRAMENTO DO 1º VOLUME

Aos dez dias do mês de março do ano de mil novecentos e noventa e sete, nesta cidade de Três Corações, Estado de Minas Gerais, na Escola de Sargentos das Armas, encerra-se às Fls 202 este 1º volume do Inquérito Policial Militar em que é indiciada a Publicação intitulada "INCIDENTE EM VARGINHA", de Autoria de Vitório Pacaccini e Maxs Portes, nos termos da Portaria nº 009-Aj G.2, de 29 de janeiro de 1997, do Exmo Sr Comandante da Escola de Sargentos das Armas; do que para constar, lavrei o presente termo.

Eu, , VINÍCIUS PROBA DOS SANTOS, 3º Sargento, servindo de Escrivão que o escrevi e subscrevo.


Escrivão

